

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO X

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1923

Nº 118

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger — Presidente de Honra,
Nilo Val, Paes de Andrade e A. Pamphiro, (redactores),
Orozimbo Pereira (Thezoureiro), E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra,
Lima e Silva, Parga Rodrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavaleanti,
Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brazilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca, C. de Abreu, Sylvio Scheleider e Alcides M. Lima.



SUMMARIO

	Pgs.
A organisação nacional	717 Redacção
O clarim da victoria	719 Marechal C. Campos
Serviço de subsistencia em campanha	720 Tte. Cel. A. Correia
Canhões electricos	723 Tte. Cel. Sebastião Fontes
O veterinario militar	724 2- Tte. Costa Homem
Pessoal de commando e postos de comando	726 Notas da E. E. M.
Solução de consulta	728 Cap. Sylio Portella
Escola Militar	729 Cap. F. Cidado
O cavallo arabe	731 Tradução
Pela volta dos capellães	733 Tenente R. Câmara
Notas sobre a instrucção dos quadros no Serviço de Campanha	734 Tradução
Um esquadrão de cavalaria em descoberta	736 Tradução
O grupo de pontoneiros	741 Coronel Malan
Resumo da Guerra do Paraguai	744 Cap. Nilo Val
Cavacos profissionaes	746 Cap. F. J. Dutra
Da província	747
Os themes da Missão	749 Cap. Bentes Monteiro
Factos & Notas	
Bibliographia	
Expediente	

OLIVEIRA ANDRADE & Cia

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,
Tintas, Oleos,
Louças, Cutelarias,
Materiaes para Construcçao,
etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio : Norte 7664

Armazem : Norte 7787

RIO DE JANEIRO

Acaba de sahir :

HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) } em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166

São Paulo — Rua Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

“A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827

(QUESTÕES DO RIO DA PRATA)

por

Amilcar Salgado dos Santos

Acaba de sahir e acha-se á venda nas livrarias «Alves» na rua do Ouvidor e na do Sr. Jacyntho Ribeiro, na rua de S. José n. 82, e nas principaes de S. Paulo.

Continúa á venda

A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA

nas livrarias: “Scientifica Brazileira”
á rua S. José n. 114 — “Cruz Sobrinho”
á mesma rua n. 82 — “Leite Ribeiro”
á rua Bittencourt da Silva, “Alves”
rua do Ouvidor, 66 e nas principaes de
São Paulo e Santos.

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino, a proposito
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) — pelo Capitão Niilo Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata — pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar do Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra — pelo mesmo.....	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Quitanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 118

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1923

Anno X

A organização nacional

Assume uma importancia crescente o problema da organização nacional sob o ponto de vista militar, e esse problema entre nós ainda não entrou até agora nas cogitações dos nossos homens publicos, apezar de todos terem a intuição mais ou menos nítida dos perigos a que estão sujeitos os paizes que se descuidam do assunto.

Effectivamente, as nacionalidades não conseguem assegurar a paz pelos seus simples desejos, nem mesmo pela sua política conciliadora, pois que os adversarios, quando desejam a guerra por este ou por aquelle motivo, até na lisura da victima vão buscar o argumento de que precisam para justificarem sua conducta.

Declarada a guerra, não bastam os simples exercitos de terra e mar para leval-a a termo. Será preciso mobilisar toda a nação para a grande lucta e essa operação não se improvisaria sem os riscos fataes de um deseqüilibrio terrivel na vida do paiz e que o levaria ou á derrota ou a um prejuizo immensuravel.

Referindo-se á Conflagração Europea, disse ha pouco o general Serrigny com relação á França: «No decorrer da guerra, todos os ramos da actividade nacional vieram successivamente trazer seu concurso á obra da defesa. Os industriaes montaram usinas; os negociantes, armazens geraes ou cooperativas; os artistas.... a *camouflage*! E não foi um dos espectaculos menos curiosos esse de todos os individuos retomarem assim, progressivamente e sob a influencia das necessidades militares, suas especialidades do tempo de paz!» E acrescentou ainda: «Alguns mezes antes, semelhante especialização teria parecido materialmente impossivel... Os acontecimentos encarregaram-se, felizmente, de levar as idéas ao facto e os

homens aos seus logares. Hoje a mobilisação da nação não é mais discutida».

Identico phenomeno se verificou em todos os demais paizes que se engolpharam na grande guerra, sendo que a propria Alemanha, apezar de sua organização formidavel, resentio-se de falhas que lhe acarretaram a derrota, e com ella a derrocada do proprio regimen politico que parecia solidificado de forma positiva. A experientia demonstrou aos velhos paizes da Europa que — esperar realizar a mobilisação simplesmente militarizando as usinas ou os meios de transporte será enganar-se redondamente — pois que toda modificação do organismo economico de um paiz é obra de grande folego e não poderá deixar de ser maravilhosamente preparada com muita antecedencia e excepcional criterio.

Ora, no Brasil tudo está por fazer, até mesmo no que diz respeito directamente ao exercito permanente, pois que os proprios quadros já são insuficientes para a organização das tropas do 1.^o escalão, o que levará o governo á dura contingencia de improvisal-os no momento preciso, reduzindo desde logo o coifficiente do valor militar de suas forças.

Apenas se conseguiu iniciar a execução do sorteio militar quanto á organização, mas esse mesmo tão cheio de falhas que sua efficiencia é por emquanto problematica, não se podendo contar com ella, porque o exercito recebe, em regra, pessoal heterogeneo e sem o conjunto de predicados a aperfeiçoar para formar o soldado moderno, convindo notar que a exiguidade do tempo de serviço nas fileiras absolutamente não permite a solução do problema.

A educação nacional se resente de fallas gravíssimas e o espirito militar quasi que não existe no Brasil, não por defeito de seu povo, mas pelo descuido dos governos, cuja actividade em geral se resume na solução de problemas de detalhes superfluos, quando não de interesses pessoaes e, portanto, sem alcance.

Procuram-se apenas as soluções para o momento ; vive-se apenas de expedientes.

O problema do ensino militar ainda não foi encarado ao sério, debatendo-se em situação angustiosa e que não deveria perdurar, pois que delle depende o valôr desse exiguo quadro ao qual o futuro reserva a mais delicada das missões, se algum dia a guerra bater-nos ás portas.

A guerra não é mais do domínio dos mediocres ; é presentemente do domínio das illustrações de elite, e estas só se formam nas escolas militares em que o ensino se apoie nas sciencias para elevar-se á arte de conduzir os homens ao successo na defesa da Patria.

Falta-nos, além disso, o material necesario, que aliás o paiz não produz, mas importa do estrangeiro, pois que não temos industria, nem civil nem militar, apparelhada para o seu fabrico, intimamente preso á questão do ferro e do carvão, dois outros problemas capitales e a respeito dos quaes nos temos limitado a simples estudos platonicos e mais ou menos desconnexos.

Não é possivel continuarmos na dependencia do estrangeiro ; precisamos ficar em condições de bastarmos a nós mesmos no momento opportuno.

Quanto a essa organisação, disse o general Serrigny : « E' facil fixar-lhe as grandes linhas — primeiramente, as necessidades a satisfazer, tanto no que concerne ao abastecimento dos exercitos, como ao das populações civis ; em seguida, a quantidade de mercadorias alimentares e de materias primas para attender a isso ; a protecção a dispensar, em consequencia, a certas culturas ou a certas industrias (sob todas as fórmas, inclusive a reducção de impostos, a elevação dos direitos alfandegarios, os premios á exportação, etc.) ; os armazens geraes a organizar para regular

a producção nacional ; os apparelhos frigorificos a crear ; os transportes a organizar ; enfim, a mobilisação da terra a prever com o emprego intensivo das machinas agricolas, a organisação militar das plantações e das colheitas. Se o programma é facil de estabelecer, em compensação sua execução parece complicada. Não é a vida inteira do paiz a conhecer, a dirigir, a vigiar ? »

Outro problema ainda se apresenta com uma importancia consideravel, reclamando um estudo aprofundado e as medidas correspondentes. Esse problema é a repartição geographica dos nossos recursos industriaes e agricolais.

O ideal seria, como dizem os mestres, o escalonamento desses recursos em profundidade, tendo por fim evitar uma destruição prematura, no caso de invasão violenta, bem como a sua articulação, evitando-se as agglomerações excessivas, sempre propicias á aviação de bombardeio e ás campanhas derrotistas como as que se verificaram na França, na Alemanha, na Russia e outros paizes empenhados na grande guerra de 1914-18.

Mas a natureza não se apresenta sob esse aspecto desejado, de modo que o problema se complica em excesso, exigindo a existencia de um orgão centralizador, alheio de todo ás contingencias da politica, de accão permanente e podendo por isso orientar devidamente ao chefe da nação no momento opportuno, e a criação desse orgão é o que nosc umpre fazer com urgencia.

Não basta, porém, creal-o. Mistér se torna dar-se-lhe a força precisa para poder cumprir sua missão. E essa força não poderá partir dos arraiaes politicos, entravados, no geral, por um alluvião de contingencias subalternas ; ella deverá promanar da educação cívica do povo, que é preciso aprimorar e erigir em gladio capaz de derrubar, quando preciso, todas as forças adversas ao engrandecimento do paiz.

Vencer o adversario — é abater o seu moral ; é tirar-lhe a esperança de vencer.

O Clarim da Victoria

PIRAJA

8 de Novembro de 1822 — 2 de Julho de 1922

Commemorando o Centenario da nossa independencia a 7 de Setembro de 1822, reuni a descripção de alguns dos mais notaveis episodios da nossa historia militar, para em um livro dar os a maior publicidade.

Encerro esta importante collecção de verdadeiros ensinamentos patrióticos com o «Clarim da Victoria», verdadeiro simil da «Corneta que Fala» da campanha do Paraguai em 1866, tambem comprehendido neste livro.

Os élos que nos prendiam a Portugal, dous mezes antes do patriotico grito da independencia, que os quebrou para sempre, a Bahia, terra fecunda de heróes e estadistas, que governou o paiz durante mais de dous séculos, pois que ali se restabeleceu o primeiro governo geral, enfraqueceu de tal modo a tempera do ferro desses élos, que impossivel foi deter os impulsos da revolta contra a tyrannia dos assalariados de D. João VI.

Paginas de grande valor se escreveram no fim dessa luta gloria, cujos primordios datam de 1820, quando se deu a revolução do Porto em Portugal, achando-se o governo da Metropole na Bahia entregue ao Conde de Palma, repercutindo em todo Brasil com a emulação e propaganda do grande patriota Cypriano Barata e a maçonaria.

Receiendo D. João VI que no Brasil a revolução encontrasse écho e explodisse, nomeou para substituir o Conde de Palma, homem conciliador e prudente, o Conde de Villa Flor, militar moço e violento.

O levante militar manifestou-se na manhã de 10 de fevereiro de 1822, com a sublevação de uma parte da guarnição do forte de S. Pedro, do commando do tenente-coronel Freitas Guimarães, forte este, ainda hoje, conservado e servindo de quartel, como reliquia de um passado de glórias.

Reunidas as forças fiéis ao governo, foi proclamado commandante em chefe e brigadeiro o tenente-coronel Freitas Guimarães, das forças revolucionarias confraternisadas com os civis, já então em maior numero. O governo de Lisboa, entretanto, não aprovou essa nomeação e mandou que assumisse o commando das Armas o brigadeiro Madeira de Mello, official valente e veterano, que

exercia então a direcção das tropas aquarteladas.

Scindiu-se a guarnição e a repulsa foi grandemente franca e hostil aos primeiros actos do novo chefe.

A 18 e 20 de fevereiro essas tropas se chocaram e combates travaram-se violentos. Freitas Guimarães teve grandes perdas á vista da superioridade das forças de Madeira.

Seus soldados commetteram logo toda a sorte de atrocidades e excessos. No Convento da Lapa, surge uma heroína, cujo perfil biographico publiquei no livro «Heroínas do Brasil». Atacado o Convento, pela soldadesca desenfreada, saiu-lhes ao encontro, abrindo-lhes pessoalmente a porta principal, Sorôr Joaquina Angelica, fazendo do seu corpo uma trincheira, e impavida ordenou-lhes «Para tras bandidos, respeitai a casa de Deus! Antes de conseguirdes os vossos infames intentos, passareis por meu caíver!... Uma bayonetada a prostrou sem vida e seguiu-se outra no velho capellão do Convento que correu a accudil-a, dando tempo a que as noviças se salvassem dos ataques da soldadesca, acobardada deante de tanto heroísmo.

A custa de um holocausto, salvou-se a comunidade, a dignidade da religião dos nossos pais, e com ella dous altares: o da Egreja e o da Honra.

No Rio de Janeiro, a politica desastrada das Côrtes Portuguezas, tentando afastar Pedro I e chamal-o a Lisboa para melhor colonizar o Brasil, apressou o Fico, que, obedecendo a evolução rapida, natural das idéas, mais obedeceu á necessidade de chegar ao 7 de Setembro o principe rebellado.

Recusada a cooperação conciliadora do Brigadeiro Freitas Guimarães, depois de sanguinolentos combates, o general Madeira pede recursos a Lisboa e apodera-se de tudo que lhe podia ser util para o sustento e manutenção de suas tropas, até que o do Rio de Janeiro, enviando uma esquadra sob o commando do Almirante Rodrigo Delamare e tropas sob o do general Pedro Labatut, guerreiro do exercito de Napoleão, fez mudar a face dos acontecimentos, collocando a es-

quadra e o exercito portuguez em perigosa posição.

Combinados os planos de ataque da esquadra e do exercito libertador, então organizado, na manhã de 8 de novembro, uma força de cerca de dous mil homens, dividida em tres columnas, atacou o inimigo em Pirajá. Travado tremendo combate, recebendo o inimigo refórços, a retirada das forças revolucionarios se impunha. Combinada essa retirada em ordem até que tambem chegassem refórços, o coronel Barros Falcão de Lacerda, commandante de uma das columnas, vendo que o centro de suas forças está sendo envolido pelo inimigo, desejando salvar os restantes 400 homens, ordena o toque de retirar ao clarim Luiz Lopes, que, apesar de portuguez, tomara o partido dos brasileiros e, em vez de tocar *retirar*, toca *cavallaria avançar e degolar ! ! ...* O inimigo, que percebe claramente o toque, e que não contava com esta terrivel arma tão proxima das forças rebeldes, apodera-se de vivo temor e em completa debandada, apavorado, estabelece

a confusão em suas fileiras, do que se aproveitam os rebeldes para perseguil-o. Daí a derrota constante das forças portuguezas até que a 2 de Julho o general Madeira d Mello, perseguido e bloqueado pela esquadra então dirigida pelo Almirante Cockrane foge em demanda da Europa. A cidade de Bahia, que estava sitiada e que fôra abandonada pelas tropas, que embarcaram nos navios para Portugal, fôra invadida pela columna do general Lima e Silva, que já encontraram as praças enfeitadas com arcos de folhagens armados pelas freiras da Soledade que assim se vingaram da affronta que receberam, no martyrio da Madre Joanna Angelica, que angelica era no nome, no typo e no moral.

E só depois desta data, 2 de Julho de 1822, é que o Brasil é realmente independente.

Honra e Gloria á Bahia !!.

Do livro inedito do

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS

SERVIÇO DE SUBSISTENCIA EM CAMPANHA

(CONTINUAÇÃO)

1^ª PARTE

Reabastecimento pela retaguarda

Vimos que só o emprego simultaneo dos dois processos: *aproveitamento dos recursos locaes e reabastecimento pela retaguarda*, permitirá resolver o delicado problema da alimentação de um exercito em campanha. Vimos tambem que o aproveitamento dos recursos locaes só será possivel, tratando-se de região rica, sobretudo agricola, ainda não explorada, e que, pelo pequeno afastamento da época das colheitas os *stocks* de generos disponiveis sejam sufficientes. Se as condições forem outras, se os recursos locaes forem nullos ou insufficientes, ter-se-á de recorrer ao abastecimentos pela retaguarda, tambem chamado subsistencia pelos comboios e armazens.

Vamos hoje, perfuntoriamente, explanar este segundo processo de reabastecimento, como já o fizemos em relação ao primeiro.

O reabastecimento pela retaguarda se effectua unicamente por via ferrea (ou fluvial) ou empregando a via terrestre em seguimento á via ferrea.

Evidentemente, é preferivel o uso exclusivo da via ferrea, pois o emprego da via terrestre exige comboios pesados e atravancadores, e a organização de uma linha de etapa de estradas.

A conhecida insufficiencia e pequeno rendimento de nossa viação ferrea, levar-nos-á, entretanto, a utilizar em larga escala os comboios e armazens.

Assim: «Consistirá um dos principaes deveres do Commando ter a mão todos os meios de communicação disponiveis, desde a estrada de ferro, até a mais miseravel carroça ou cargueiro da região, os quaes, conforme a necessidade, serão utilizados para levar ás tropas sua subsistencia».

«Para isto conseguir, é necessario uma organização centralizada em mão firme, que obrigue todos os agentes de execução a concorrerem para o mesmo objectivo» (Bronsart).

*

Attendendo ainda a que se não pode prever o momento de passagem da exploração local para o reabastecimento pela retaguarda, sendo, alem disto, este ultimo processo su-

jeito a interrupções, tornou-se imprescindível dotar as tropas de adiantamentos consideráveis; dahi, a criação dos comboios administrativos, cujos recursos vão se reunir aos do T. E. e aos viveres de reserva.

*

Para assegurar a subsistencia da tropa servindo-se de comboios, é preciso escalonar na retaguarda do exercito numerosos armazens, cuidadosamente mantidos ao completo, pois os comboios se esvaziam rapidamente.

E' óbvio que a facilidade do serviço será tanto maior quanto menor o numero destes armazens; numero este que crescerá com a deficiencia da viação ferrea da região, ou em outras palavras:

«Quanto mais poderosa fôr a rede de estradas de ferro posta á disposição dos exercitos tanto mais afastadas de suas bases de reabastecimentos (estações armazens) podem ficar as tropas combatentes».

«Quanto mais fraca esta rede, mais proxima deve ficar a tropa.» «Quando não existir estrada de ferro, será preciso crear armazens, cuja importancia e numero crescerão na razão directa do avanço da tropa.»

As linhas de comunicações dos exercitos, onde haverá um constante movimento de comboios, ficarão, pois, balizadas por estes armazens.

Se os efectivos a prover attingirem certa importancia, o transporte por viaturas exigirá considerável quantidade de atrelagens, tornando difícil a organização dos comboios.

Alem disto, o recrutamento e instrução das equipagens, a conservação das estradas, que se estragam pelo movimento incessante dos veículos, o atravancamento destas estradas pelos menores acidentes, avarias em marchas, etc. etc., constituem outros obstáculos a vencer para garantir os reabastecimentos.

*

A estrada de ferro tem simplificado muito o problema do reabastecimento; «sua rapidez e capacidade de transporte tem de tal modo alongado os braços dos serviços provedores» que, com um só armazem para cada grande unidade, um exercito, por exemplo, pôde-se deixar um armazem muito para traz, evitando assim os perigos de incursões do inimigo.

Uma só linha de estrada de ferro, explorada com toda liberdade, permitirá assegurar as necessidades de um exercito, mesmo numeroso. «A transiberiana, cuja extensão era formidável e a exploração imperfeita, pelo menos em o inicio da guerra, bastou para satisfazer as necessidades do exercito russo na guerra russo japoneza». «E' exacto que este exercito se deslocava com certa lentidão e encontrava notável parte, e das mais volumosas de seu reabastecimento — as forragens — na exploração local.» «E' ainda verdade que, desde o começo da guerra, técnicos notáveis, provados quasi imediatamente de excellente e abundante material ferro-viário, secundados por um verdadeiro exercito de engenheiros, contra-mestres e operários, emprehenderam a duplificação rápida da via e outros trabalhos complementares; que se tratava, no caso, de melhorar uma via larga, e que, durante os primeiros meses, o melhor material rodante de toda a Russia foi empregado nos transportes militares.»

E' conveniente salientar estas condições, para não nos embalarmos com uma esperança que possa transformar-se em dolorosa desillusão.

*

Quando fôr possível a utilização intensiva da estrada de ferro, os trens de viveres irão até o contacto da tropa; assim, todas as vezes que a circunstancias o permittam (proximidade da gare, liberdade das vias de comunicações, etc.,) os trens de estacionamento irão se reabastecer directamente na via ferrea. E' necessário, no entretanto, reconhecer que este não será o caso geral. As mais das vezes, os comboios administrativos deverão intervir, carregando-se na estrada de ferro, assegurando, em seguida, o reabastecimento dos T. E.

«O emprego tão vantajoso da estrada de ferro, não deixa de ter seus inconvenientes.» «E' preciso, com efeito, não esquecer que, se as nações muitas vezes as constroem com fim puramente militar, tomam ao mesmo tempo todas as prescrições para interdizer seu uso pelo inimigo.» «Assim, mesmo á grande distancia da fronteira, cada ponte, cada tunel, é provido de um dispositivo de mina.»

«Então, salvo supondo que ficaremos sempre no mesmo lugar, ou, que não cessemos de recuar, deve-se admittir que as vias ferreas possam ser destruidas, e, todos sabem o tempo exigido para sua reparação,»

E' esta, mais uma razão a mostrar a necessidade de se dispor de comboios atrelados para attender a semelhantes eventualidades. Uns devem ser organizados desde o tempo de paz, e se mobilizam com os demais órgãos de frente, outros, obtidos pela requisição local, só mais tarde serão constituídos, quando sua necessidade se fizer sentir.

Concorrentemente com as estradas de ferro podem ser empregadas as vias fluviais, meios de transporte mais lentos, porém, de considerável rendimento. Igualmente, sobre as estradas de rodagem, podem ser utilizadas viaturas automóveis, que prestarão serviços preciosos. As distâncias que percorrem em um dia e as cargas que comportam, permite pelo menos durante algum tempo uzar estradas de rodagens, em condições de intensidade quasi igual a das vias ferreas, evitando assim a criação de novos armazens, pelo aumento considerável do rai de acção dos armazens primários.

Mas, ainda aqui, convém não nos iludirmos, pois o numero destas viaturas, entre nós, infelizmente, é ainda muito limitado, accrescendo-se mais que não somos produtores de combustível, que a reparação dos veículos avariados é difícil e exige oficinas apropriadas e, sobretudo, que não dispomos de boas estradas de rodagem.

Resumindo: sempre que fôr possível, o emprego intenso da estrada de ferro deve ser preferido para o reabastecimento; podendo-se, então, viver de um numero restrito, de armazens da retaguarda. Do momento porém, em que o exercito é obrigado ao uso dos comboios de estradas de rodagens, não mais é possível viver de um único armazém afastado da retaguarda; neste caso, torna-se indispensável a criação de «um verdadeiro rosário de armazens.»

Terminadas estas considerações geraes, que julgamos necessarias á clareza do assunto, cabe, agora, tratarmos do funcionamento do serviço.

Necessidade de um reabastecimento automatico

O reabastecimento pela retaguarda, devendo funcionar concorrentemente com a exploração dos recursos locaes, imediatamente se apresenta a seguinte questão: Quando se deve recorrer á exploração local e quando se apelará para a retaguarda?

A resposta mais logica seria: recorrer-se á retaguarda somente quando os re-

cursos locaes forem insuficientes, e, apenas para os generos que se não encontrarem na região.

Infelizmente, isto seria impossivel. Com efeito, como saber, com bastante antecedencia, o que faltará na região, para então pedir-se á retaguarda e expedir por comboios até a tropa? Como fazer esta previsão em uma zona onde ainda se não está onde a avaliação dos recursos toma muito tempo?

Por outro lado, se o reabastecimento pela retaguarda só funcionar mediante um pedido diario da frente, inevitavelmente surgião os contratempos e o serviço não mais poderá ser assegurado.

Assim, ao em vez de esperar o conhecimento das necessidades da frente, para então operar, envia-se todos os dias, independentemente de pedidos, por caminho de ferro ou comboios, um dia de viveres á tropa. Esta tira o que necessita e reenvia o resto, que voltará no dia seguinte, se fôr necessário.

Não é uma solução muito economica, mas é simples e segura; duas condições de sucesso, muito importantes na guerra, para a elas serem sacrificadas qualquer outra consideração.

Far-se-a excepção unicamente para os generos que habitualmente se encontram na região e para aqueles difíceis de serem conservados, como a carne fresca; os quais só serão enviados mediante pedidos especiaes.

A esta operação quotidiana dá-se o nome de *reabastecimento diario* e chama-se *reabastecimento eventual* a distribuição a tropa de todos os generos não compreendidos na primeira operação, generos remetidos mediante pedidos especiaes da frente.

A commodidade deste sistema, também chamado *reabastecimento automatico*, é extrema, mas tem seus perigos.

Com efeito, se tudo vier a tempo da retaguarda, quem se dará ao trabalho de explorar a região? Reflexão esta que representa o perigo de serem completamente despresados os recursos locaes, o que seria um grave erro. Primeiramente far-se-ia uma operação pouco habil, trasendo de longe, muitas vezes com fretes caros, generos que se encontrariam no local; em segundo lugar, ficar-se-ia deshabitado de explorar a região, e, ao menor desarranjo dos serviços da retaguarda, nada se poderia fazer; enfim, expor-se-ia a deixar ao inimigo recursos preciosos, no caso de se ter de abandonar a região.

Resumindo o que precede: A experiência do passado ensina que se reduzam a dois os processos de reabastecimentos dos exercitos—viver da região e viver da retaguarda; ensina ainda que nenhum dos dois processos aplicados isoladamente é suficiente. Então, cumpre combinal-os. Explorar os recursos locaes na região ocupada pelo exercito e, ao mesmo tempo, organizar as remessas da retaguarda, como se os recursos locaes fossem nulos.

De um lado, a exploração local far-se-á distribuindo os soldados pelos habitantes, ou recolhendo os generos sobre as viaturas do T. E. ou C. B. A. D.; de outro lado, os recursos da retaguarda serão enviados, o maior tempo possível pela via ferrea, só recorrendo-se aos comboios quando ella faltar.

Em todos os casos, porém, esses comboios serão enviados automaticamente, pelo menos na parte concernente aos generos de

primeira necessidade e que se teme não encontrar na região.

Tomando como regra que os viveres devem ir até ao soldado, foram constituidos os T. E., que levam á tropa sua nutrição, nos próprios acampamentos.

Por sua vez, os C. B. A. D. reabastecerão os T. E., em vista das distribuições seguintes.

Emfim, cumpre ter sempre presente que o soldado deve conduzir uma reserva de viveres, na qual só tocará na ultima extremidade, quando faltar todo outro meio de subsistência; reserva que será reconstituida logo que tenha sido consumida, ou simplesmente desfalcada.

Tal a base da organização que veremos em outro artigo, tal o methodo adquirido e de que examinaremos os detalhes.

ACCACIO F. CORREIA
Tte. Cel. Intendente da Guerra

Canhões electricos

O OBUZ VOADOR

O que se contem neste artigo não é phantasia, embora o pareça. Experiencias feitas nos ateliers BAUDET DONON, Argenteuil, prosseguidas em BEZONS nos ateliers TUDOR, mostraram a perfeita exequibilidade desses extraordinarios engenhos, de concepção theotrica antiga, mas que só agora encontram uma solução julgada practica e aceita pela secção de Invenções, Estudos e Experiencias tecnicas do Ministerio de Armamentos e Fabricação de Guerra da França, em 25 de Julho de 1918.

A terminação, logo a seguir, do grande conflicto armado, não deu tempo á sua apparição no scenario da guerra. Admittida como foi a sua praticabilidade, podemos resumir aqui, colhidas de um trabalho publicado sobre o assumpto, as vantagens incontestaveis que a theoria reconhece, e as experiencias sancionaram, nessas admiraveis armas:

I — Os canhões electricos atiram sem fumaça, quasi sem ruido, e a luz do disparo pôde ser facilmente occultada.

II — São construidos com aço de qualquer especie e materiaes faceis de serem obtidos. Fabricação simples, não exigindo utensilios

de grandes dimensões. Podem, pois, ser construidos muito rapidamente e em larga escala.

III — São, por assim dizer, de uso imprecivel. Não são submettidos, com effeito, como os canhões ordinarios, á pressões e temperaturas extremamente elevadas que destroem a alma e as raias, que obriga a reforçalos ou mudar os tubos apôs algumas centenas de tiros. Trabalham como as ma-chinas ordinarias e podem ser lubrificados.

IV — Seu rendimento é muito superior ao dos canhões ordinarios, porque, nestes, ha a perda de todo o calor e toda a distensão dos gazes não utilisada que escapa pela boca, completamente perdidos.

V — Utilisam, como força motriz, combustiveis muito mais baratos e muito mais poderosos, a peso igual, que os explosivos os mais modernos. A economia de peso e dinheiro que permitem realizar com os estojos e cartuchos é considerabilissima.

VI — Permittem augmentar a capacidade explosiva dos projectis, pois que o effeito de propulsão se exerce sobre toda a massa da bala, em logar de só se exercer sobre o culote.

VII — O tiro pode ser muito mais rapido que nos canhões ordinarios, porque o aquecimento é menor, não ha culatras a manobrar nem estojos a ejectar.

VIII — O seu recuo é menor.

IX — O augmento de alcance é uma questão de voltagem.

X — Supprimem o perigo de explosões das polvoras propulsoras, porque não as utilisa.

XI — Sua potencia é formidavel, porque não tem limite a energia instantanea das fontes de electricidade que lhes fornecerem a corrente electrica e podem attingir alcances jamais previstos, permittindo de Paris bombardear Londres ou Berlim.

XII — O bombardeio com obuzes asphyxiantes pode ser feito quasi a jacto continuo.

Emfim, ella está para a artilharia actual, como a artilharia de ante carga e alma lisa estava para a de hoje.

Por pouco que se reflecta sobre as suas inestimaveis qualidades, se verifica logo que seria, para o Brasil, paiz sem industria metalurgica, e muito menos militar, organisada, o material de artilharia verdadeiramente ideal.

Apezar de procurarmos, com o interesse profissional que nos inspira a natureza do assumpto que leccionamos na Escola Militar, atravez de revistas technicas, novas noticias sobre taes engenhos, nada temos conseguido saber, desde Junho de 1920, sobre a «nova

applicação formidavel da electricidade que teria anniquillado a Alemanha» se não tivesse deposito as armas.

Nós andamos sempre atrasados na adopção de systemas de armamentos. Adoptamos a Minié raiada numa epocha em que já existia o Spencer; escolheu o Comblain quando já existia o fusil de repetição de varios typos; e encommendamos o de repetição quando as armas automaticas já tinham feito a sua prova decisiva. O mesmo se poderia dizer do armamento de artilharia que temos adoptado.

Ante a revolução que se annuncia com a adopção da artilharia electrica, que resoluções adoptaremos em face do problema? Comprar armamento sistema antigo, e edificar novas fabricas de polvoras como se projecta, ou esperar a *rentrée* dos novos engenhos? A questão se me afigura importante. Teriam sido postas á margem as experiencias tão decisivas abafadas pelo extremitar das acclamações fragorosas da terminação da guerra? Isto é o que nos afirmam de França. Não o acreditamos, porém. Os franceses são bem intelligentes para lançar o véo do mysterio sobre a exequibilidade de uma transformação dessa ordem no seu material de artilharia, que lhe irá dar uma superioridade esmagadora sobre qualquer nação que della se ache desprovida.

SEBASTIÃO FONTES
Professor da Escola Militar

O VETERINARIO MILITAR

Cada dia que passa e que a sciencia aclara de mais a mais o caminho ingreme que palharia o profissional, a nossa convicção aumenta, robustecendo-se na logica esmagadora dos factos e nas susceptibilidades das consequencias quasi sempre infelizes.

Hoje, que a visão das cousas é mais nitida que outr'ora, hoje, que as nossas conclusões são mais faceis e coerentes, sentimo-nos tambem vivendo em outra phase que não a da velharia empurrica, actualmente quasi em completo abandono.

A Veterinaria, no Brasil, é sciencia que nasce, mas que proporciona ao medico veterinario, desde o inicio da carteira, os espinhos dolorosos da profissão ingrata.

E o veterinario militar luta, tenazmente, afim de desfazer as peores impressões que lhe legaram os antigos alveitares, curandei-

ros e ferradores, ao exercerem a profissão, ora tentando purgar um cavallo e querendo aproveitar a acção mecanica de um rôlo de fumo, ora curando bicheira com rezas e pelo rastro, ou seja applicando ferraduras de tacões quaes saltos de sapato a Luiz XV.

Urge, pois, a pugna, confiante na victoria final da acção efficiente do profissional contra o descalabro da obra do charlatanismo.

Na tropa, o veterinario sente-se mais acreditado, uma vez que, pelo desenrolar constante dos erros, a gente já se vae adaptando á necessidade crescente desse profissional, para a manutenção, em estado hygido, da cavalhada do Exercito e para se evitar a contaminação dos officiaes e praças, pelas affecções dos equinos, transmissiveis ao homem, como provam os casos de mormo constatados em nossas fileiras pelos medicos militares.

General José da Silva Pessoa



A Defesa Nacional não pôde silenciar por mais tempo a sua excepcional atidão ao illustre chefe e amigo cujo nome encima estas linhas e que tem sido para ella de uma gentileza e dedicação que bem caracterisam a magnanimidade extrema do querido general do nosso Exercito.

Prodigalizando nos o conforto moral e incitamento ao trabalho, pela parada e pelo exemplo, cercando-nos de prestígio e dando-nos até mesmo uma contribuição material e decidida de alto valor, graças ao que temos enfrentado com desassombro às dificuldades sem conta com que tem luctado ultimamente a nossa revista, S. Ex., o sr. general José da Silva Pessoa gravou seu nome de modo indelevel em nossos corações.

Não extranhará, portanto, S. Ex., a

quem o paiz e o Exercito já tanto devem, que a Defesa Nacional tambem se junte ao numero crescido dos seus devedores.

E ella se desvanece com isso, pois que o sr. general Pessoa não é apenas o chefe illustre cujos serviços á sua classe são sem conta, nem é apenas o emerito organisador dessa brilhante corporação que é a Policia Militar de nossa Capital, que tanto nos honra e tão solida garantia nos offerece como força auxiliar do Exercito Nacional. Elle é tambem um cidadão e um chefe de familia cujos exemplos poderão servir de norma aos mais exigentes patriotas.

Permitta-nos S. Ex. estas rapidas palavras como uma homenagem que temos o dever de tributar-lhe nas modestas paginas de nossa revista.

Poder-se-ia evitar as enormes perdas de cavalos e muares, se encarassemos seriamente o valor de um medico veterinario, se lhe provessemos o serviço de pessoal idoneo e material necessario, se, enfim, lhe facultassemos o apoio moral sufficiente para o bom desempenho da função por desempenhar.

O dinheiro que despende a Nação com o Serviço de Veterinaria do Exercito é satisfatoriamente compensado pelo resultado obtido com a applicação de medidas tendentes a evitar epidemias, que dizimam centenas de equideos em lapso de tempo relativamente curto; pela dedicação de seus agentes, que na observancia dos preceitos regulamentares vão sempre além das exigencias, e, vendo o cavallo como uma maquina que reude trabalho, dictam regras para o rendimento hygienico desse trabalho e no intuito de prolongar-lhe a vida, executando por isso função economica, estabelecem preceitos que permitem a continuação de sua utilisação nas fileiras do Exercito; pelas curas que com o minimo de custo alcançam o maximo de efecto, tanto na paz como na guerra, e principalmente nesta, attendendo, com urgencia, os diversos accidentes a que os animaes estão expostos, accidentes que, em certos casos, quando em grande numero, conjunctamente, podem impossibilitar a continuação da marcha e, conseqüintemente, occasionar a modificação de movimentos precedentemente estabelecidos; e tantos outros motivos que oferecem serio perigo ás tropas montadas.

Acompanhando o animal desde a caserna até o campo de batalha, está sempre com a vida exposta aos maiores perigos, quer quando no exérccio de sua profissão, infecionando-se e recolhendo em seu organismo por via do contacto inevitável a doença, quer quando, levando ao animal os cuidados com que o ha de curar, é vítima da brutalidade com que se defende do curativo importuno; quer ainda quando no fragor da lucta sente-se só e desabrigado, o que é mais, alvo dos projéctis perdidos.

Outro ponto que fôra mistér tomá em consideração no serviço de Veterinaria mili-

tar, para ser convenientemente resolvido, é o seguinte: enquanto no Corpo de Saúde as funcções do medico e do pharmaceutico são perfeitamente distintas, no quadro de Veterinarios tales funcções são, accumulativamente, exercidas pelo mesmo serventuario.

Em paiz como o nosso, de territorio tão vasto e tão deficiente em materia de vias de comunicação, se não contarmos com o dorso do animal como solução do problema do transporte, ficaremos em condições de não nos podermos locomover.

Na constituição dos exercitos modernos, o numero de cavalos e muares aumenta consideravelmente, estes para o transporte das metralhadoras, artilharia de montanha e serviços, e aquelles para a artilharia leve e pesada, para a cavallaria, engenharia e infantaria. As armas, pois, dependem, umas em parte, outras em grande parcela, desses bons auxiliares e ficarão impossibilitadas de agir com efficiencia se não dispuserem de effectivo completo de equideos. E, fallando desses effectivos, creio que é medida de previdencia não esquecer as reservas, para as quaes teremos de appellar nos combates muito encarniçados, em que os effectivos soffrem baixas fôra das expectativas.

D'ahi a razão da necessidade, cada vez mais imperiosa, dos agentes desse serviço scientificamente illustrados nos bancos de uma Escola que, como a nossa, leva todo o rigor na selecção e filtração dos elementos que devem compor o quadro.

Mas, para que o serviço de assistencia á cavalhada logre exito, torna-se preciso facilitar ao veterinario o necessário, afim de que a acção deste não venha a ser tolhida pela falta ou deficiencia de pessoal idoneo e material conveniente.

2º Tte. Vet. COSTA HOMEM
Da Escola da Veterinaria do Exercito

A melhor preparação para a batalha, em geral, é fornecer a possibilidade de envolver o inimigo, marchando sobre elle por duas direcções diferentes — disse Von Caemmerer.

PESSOAL DE COMMANDO E POSTOS DE COMMANDO

(Notas da Escola de E. M.)

CADEIRA DE INFANTARIA

COMPANHIA E BATALHÃO

Quais são as necessidades de commando do chefe sobre o campo de batalha?

- a) dar ordens, assegurar sua transmissão, vigiar a execução;
- b) manter-se ao corrente dos movimentos e paradas de suas unidades (previstos ou imprevistos), o que implica, para elle, numa constante observação do terreno na zona em que manobra sua unidade;
- c) manter uma constante ligação com a autoridade superior;
- d) manter-se em ligação com os elementos vizinhos da direita e da esquerda, da frente e da retaguarda, conforme o caso, e sempre com a unidade base da qual pôde depender a marcha de sua unidade;
- e) abrigar-se;
- f) assegurar o transporte e a evacuação dos feridos;
- g) velar pelos reabastecimentos de toda natureza.

NOTA — Os paragraphos c e d traduzem uma necessidade de ligação, que se manifesta por uma dupla corrente:

- 1.º da unidade superior para a inferior;
- 2.º da unidade inferior para a superior.

Para satisfazer a todas essas necessidades, o Regulamento coloca ao pé do chefe, a partir do capitão, um pessoal preparado para as diversas missões que lhe incumbe desempenhar, principalmente no combate, e ao qual deve ser dada instrução conveniente. Esse pessoal não faz parte dos grupos de combate que compõem organicamente as unidades, mas sim do estado-menor do regimento, onde são especialmente instruídos; exceção feita para os estaquetas (corredores), que não necessitam instrução especial e são tirados das companhias.

O conjunto constitui o pessoal de comando do capitão, do major e do coronel. E' com elle que os P. C. são organizados, desdobrando-os em vários grupos, conforme suas funções particulares.

P. C. DA COMPANHIA

A) O capitão dá ordens *escriptas*; porém, se acontece ter de dar-as verbalmente assim mesmo serão redigidas e registradas nas cadernetas multicópista ou de ordens especiais, mantidas em dia pelo sargento comandante da Secção de Comando. Essas ordens são transmitidas aos pelotões pelos tambores e corneteiros.

O sargento furriel, chefe do grupo de ligação, vela pela boa execução da sua transmissão, e é o responsável por esse serviço.

Do pelotão para a companhia a ligação é assegurada pelo agente de ligação de cada pelotão.

B) O capitão manter-se ao corrente dos movimentos de suas unidades pelos observadores, munidos de binóculo, que observam constantemente o terreno na zona de acção da companhia, afim de informar o capitão de todo movimento ou parada,

retomada de marcha, etc.; como também dos movimentos possíveis das unidades vizinhas e mesmo do inimigo. Elles orientam para junto do capitão os agentes de ligação enviados pelos pelotões. Nos Postos Avançados, representam, junto ao capitão, o papel de sentinelas das armas (ou de observatório).

C) O esclarecedor montado assegura as ligações com o comandante do batalhão (da companhia ao batalhão).

Os dois corneteiros que figuram no 2.º grupo são os substitutos dos agentes de ligação com os pelotões e também do esclarecedor montado. Esta ligação é igualmente assegurada pelos signaleiros (com bandeirolas ou lanternas), em princípio, da frente para a retaguarda.

No combate, um dos signaleiros está constantemente perto do capitão, munido de todos os artifícios necessários e pronto a lançá-los a todo o instante, por meio da pistola ou do bocal V. B.

A ligação da retaguarda para a frente, ou do comandante do batalhão para o capitão, é ainda possível, quer pelos esclarecedores montados do batalhão, quer, excepcionalmente, pelos signaleiros do batalhão (cabo furriel e quatro homens, no máximo; sendo preferível dois sómente). Esse pessoal deve-se apresentar automaticamente ao major, desde que começa o engajamento (vide pessoal e P. C. do btl.).

D) A ligação com os elementos vizinhos faz-se, no escalão de combate, por destacamentos mixtos fornecidos pelos elementos vizinhos; e, de P. C. a P. C., pela troca de um agente de ligação (na companhia: um tambor ou corneteiro).

A ligação da companhia com os elementos mais avançados faz-se automaticamente aos cuidados dos pelotões que marcham na testa (patrulhas ou simples agentes de ligação).

No caso de ligação com uma unidade de base, o princípio é o mesmo: o pelotão mais próximo assegura automaticamente essa ligação por patrulha especial ou agente de ligação.

E) Para abrigar-se, o capitão dispõe de quatro sapadores, capazes de abrir uma trincheira em alguns minutos.

F) A reunião dos feridos incumbe ao P. S. do batalhão; a companhia pôde receber um enfermeiro desse P. S., desde o começo do combate, o qual prodigalizara os primeiros cuidados aos feridos reunidos nos refúgios. Os feridos serão transportados ao P. S. pelos padoleiros enviados do batalhão.

G) As questões de reabastecimento e remuniciamento incumbem à autoridade superior. O capitão tem o dever de participar qualquer situação delicada e provocar ordens.

NO ESTACIONAMENTO — Todo pessoal de comando coloca-se no terreno de maneira que cada um esteja pronto a cumprir sua missão do melhor modo possível, e facilitar, no conjunto, as ligações: 1.º, as do interior das unidades; 2.º, com a autoridade superior.

Esta ultima condição fará com que o P. C., muitas vezes, não fique no centro da zona de accão da companhia, mas se desloque, para approximar-se do P. C. do batalhão.

Cada homem ocupa nas immediações do logar escolhido uma posição abrigada, evitando formar grupos.

N A MARCHA (approximação, ataque ou assalto)— O pessoal de commando subordina-se aos movimentos prescritos. Geralmente, o capitão marcha nitidamente isolado de seu pessoal, precedido pelos dois observadores, tendo perto de si o signaleiro de artifícios, e seguido á pouca distancia por seus três agentes de ligação com os pelotões. O resto do pessoal, sob as ordens do sargento commandante da Secção de Commando, segue em uma ou duas pequenas columnas com intervallos de 20 ou 30 passos, avançando por lances, ou ainda sem parar, acompanhando a progressão do seu capitão ou das unidades vizinhas.

O segundo signaleiro marcha atraç, por ultimo, e no caso em que a companhia fôr seguida do P. C. do batalhão ou de qualquer unidade do batalhão, elle voltar-se-á constantemente para apanhar as ordens que possam vir da retaguarda para a frente, assegurando-se da marcha ou parada do P. C. do batalhão ou das unidades da retaguarda.

P. C. DO BATALHÃO

O commandante do batalhão tem como amanuense o sargento ajudante, o qual dirige o serviço ordinario do batalhão e, por isso, é o chefe do pessoal do commando. Ele leva a caderneta de ordens do batalhão (registro das ordens).

O commandante do batalhão redige pessoalmente suas ordens, no combate, sobre a caderneta multicopista.

O segundo sargento montado serve para as missões especiais de ligação, que exigem um sub-oficial, e devem ser feitas com a maior rapidez (ligações importantes com o coronel ou com as autoridades vizinhas, missões de carácter particular, etc.).

O capitão ajudante vela pela execução das ordens em geral, e, em particular, no combate, pela execução das ordens importantes; verifica a collocação das unidades; assiste a partida do ataque; orienta as unidades encarregadas de uma missão particular e importante.

A) As ordens são transmittidas ás companhias:

1.º Em principio, pelo grupo dos estafetas (um cabo furriel, quatro ou dois homens por companhia), constituído pelas companhias no inicio do engajamento e enviado, automaticamente, ao commandante do batalhão. Conforme as circunstâncias, esses estafetas podem ficar grupados ou constituir cadeias quando a distancia a percorrer o exige, para facilitar a rapidez da transmissão.

O commandante do pelotão de metralhadoras leva marcha com o commandante do batalhão, e quando tenha de afastar-se deixa, junto áquelle, um sargento de ligação (o furriel).

2.º Em caso de necessidade, pelo cabo tambor ou corneteiro do grupo de commando, ou por um esclarecedor montado.

3.º Excepcionalmente, quando o terreno permite, e fóra das vistas do inimigo, pelo signaleiro (optica).

B) O commandante do batalhão não tem as mesmas necessidades de observação que os commandantes de companhia, que marcham na testa do batalhão e, por isso, não tem observadores.

A observação do terreno, na sua zona de accão, abrange sómente a observação dos movimentos e paradas de suas unidades de primeiro escalão: ella é preenchida pelo Posto receptor de signaleiros (observatorio do batalhão).

Um esclarecedor montado pôde ser empregado nesse serviço, se fôr possível ainda utilizar os cavalos.

C) A ligação com a autoridade superior é assegurada.

1.º Nos casos importantes, pelo ajudante.

2.º Na generalidade, pelo emprego do sargento montado e esclarecedores montados (no caso em que se possa dispor de cavalos).

3.º Pela optica: os quatro signaleiros e o cabo, organizando dois Postos, sendo um receptor dos signaes vindos da frente (excepcionalmente emissor), e outro para a retaguarda (excepcionalmente receptor). Em principio, o primeiro Posto (ou os dois, quando reunidos), constitue o observatorio do batalhão. Esse Posto é igualmente o de lançamento de foguetes-signaes.

O cabo signaleiro fica perto do commandante do batalhão e é o lançador de foguetes-signaes, levando, além disso, o painel de identificação do P. C. No estacionamento, esse cabo fica no observatorio.

4.º Pelo telephone, cujo alcance depende do comprimento do fio.

5.º Por T. P. S., de alcance inferior a 2.000 metros. Os 4º e 5º são meios de emissão e recepção.

6.º Por pombos-correios. Esse meio transpõe os escalões regimento e brigada e alcança directamente o escalão divisão (Pombal divisionário).

7.º Quando o batalhão dispõe de artilharia de acompanhamento immediato, o commandante dessa artilharia está junto ao do batalhão; no caso de apoio directo, o agrupamento destaca para junto do commandante do batalhão um destacamento de ligação, composto de pessoal especializado e disposta de meios proprios (telephone, optica, estafetas). O commandante do batalhão pôde comunicar-se ainda com seu grupo de apoio directo por intermedio do P. C. do coronel do R. I., servindo-se, para isso, do seu T. P. S. e telephone para transmitir até o P. C. do R. I. e deste até o grupo do T. S. F. do R. I.

D) A ligação com os elementos vizinhos é constituida: no escalão de combate, por destacamentos mixtos, geralmente organizados por ordem da autoridade superior; dentre os P. C., por troca de agentes de ligação (cabo tambor, esclarecedor montado ou simples mensageiro).

E) Para abrigar o pessoal e organizar os diversos Postos de Ligação, o commandante do batalhão dispõe de uma esquadra de sapadores (um cabo e oito homens).

F) O Posto de Socorro fica vizinho do P. C. e é organizado com o cabo enfermeiro e quatro enfermeiros, que constituem o pessoal permanente do medico do batalhão, acrescido dos padioleiros do R. I. Os enfermeiros (um para cada companhia) ficam no P. S. e são enviados, em principio, ás companhias empenhadas no combate. O P. S. dispõe para suas ligações directas com o R. I. de um agente de ligação montado. O transporte dos feridos e sua evacuação faz-se aos cuidados do medico do batalhão, segundo as indicações do commandante do batalhão.

G) Ligações com os T. C. Feitas por um agente

de ligação destacado pelo sargento artifice, por este sargento ou pelo sargento de cavalaria adjunto.

NO ESTACIONAMENTO — O P. C. do batalhão organiza-se pelos mesmos princípios expostos para o P. C. da companhia, sendo necessário ter o cuidado de pôr ao abrigo dos tiros inimigos todo o material delicado (T. P. S., telephone).

O telephone só deve ser estabelecido nos casos de paradas de alguma duração. Em muitas circunstâncias, elle pôde ser desenrolado mesmo no decorso das operações (offensivas e defensivas); mas, deve-se tomar muito cuidado para não perder fio, que é muito difícil de recuperar ou substituir.

NA MARCHA — (aproximação, ataque, assalto) — A importância do pessoal de comando de batalhão, que representa o valor de quasi dois pelotões, impõe a maior atenção no seu deslocamento: marcha por lances, em fracções em rigorosa ordem, impondo-se uma organização em esquadras, uma formação em linhas sucessivas de columnas por um, com intervalos e distâncias determinados.

No caso de uma marcha continuada, com paradas previstas, á curta distância, a marcha de aproximação executa-se nas mesmas condições para todas as unidades do batalhão. Na phase final de aproximação, ou já na phase de ataque, o P. C. deslocar-se-á sobre o eixo de marcha, e cada vez por partes e por lances; em primeiro lugar, o coman-

dante do batalhão, um grupo de signaleiros com o cabo, um agente de ligação por companhia, depois, o comandante do destacamento da artilharia, a équipe de T. P. S. e os dois últimos signaleiros; em seguida, o telephone, se já foi estendido; finalmente, os outros agentes de ligação, seguidos pelos sapadores e colombófilos.

O oficial ajudante regula com o sargento essas partidas, ficando um no logar da partida, enquanto o outro vai para o novo P. C., para o organizar. Em regra geral, não deve, por isso, haver interrupção no serviço das ligações (para a frente e retaguarda), e o P. C. não será abandonado sem que o novo esteja pronto a funcionar. O comandante do batalhão deve dispor sempre do telephone, da óptica ou do T. P. S.

O P. S. (posto de socorro) desloca-se o menos possível e sempre de acordo com as determinações do comandante do batalhão.

NOTA — Além desses meios de ligação no interior da companhia e do batalhão, as unidades podem ainda comunicar-se com o R. I. e com a D. I. por intermédio do avião de infantaria da divisão, por seus painéis de sinalização e balisamento (das casas), indicando, depois de uma primeira correspondência com foguetes, o logar onde se acham: *Eu estou aqui*; e, por meio de seus painéis de identificação, o logar dos P. C. do batalhão. O cabo signaleiro é o encarregado de transportar e colocar os painéis de identificação.

SOLUÇÃO DE CONSULTA

Ten. S. L.

Diz o R. T. A. que as possibilidades de tiro são determinadas pelo traçado do espaço morto, completado pela « indicação do campo de tiro horizontal da bateria ». Quanto à determinação do espaço morto, não ha dúvidas á respeito; porém, quanto á determinação do campo de tiro horizontal, nenhum documento, a começar pelo proprio regulamento, diz como se faz a causa.

Resposta.

O campo de tiro horizontal de uma bateria em posição é definido pelo afastamento angular dos terrenos batidos mais á direita e mais á esquerda da direção de vigilância que lhe for assignalada.

No que depende do material, a limitação desses tiros mais á direita e esquerda não sofre embarracos: os reparos das peças permitem aos planos de tiro deslocamentos de amplitude variável com o sistema de artilharia em uso.

Ademais, mesmo que se tenha atingido ao extremo limite do volante de direcção em cada peça, não ha de ser por isso que a bateria deixe de atirar alem da direcção permitida pelos reparos: basta desancorar as

peças e reapontal-as em qualquer outra direcção conveniente; as operações a executar são sempre possíveis com o material de campanha, extremamente rápidas para o 75 e exigindo uma manobra da força mais importante para o 155.

No que depende do terreno, aquella limitação se accentúa de modo variável em cada caso.

Primeiramente, é o terreno, que envolve imediatamente a posição de cada peça; as exigências do *disfarce* da posição cream ao material situações pouco comodas para a orientação dos planos de tiro em qualquer direcção. Todavia, é sempre possível remediar em parte a situação inicial das peças, melhorando o terreno que as envolve com a ferramenta de sapa que acompanha o material, sem modificar sensivelmente o aspecto da posição da bateria: é o que os artilheiros chamam *preparar o campo de tiro*.

Em seguida, temos a limitação imposta pelas massas cobridoras e máscaras; muitas vezes o seu contorno superior, visível da posição da bateria, segue uma linha caprichosa que, elevando-se demasiado, acaba por interceptar os tiros lançados em determinadas direções, mesmo com o maior angulo de ele-

vação permitido pelo material; ali termina o campo de tiro horizontal da bateria.

Tal limitação importa muito mais que a primeira, porque é sempre admissível se possa preparar o campo de tiro das peças, de modo a serem utilizadas as direções de tiro permitidas pelas massa cobridoras e máscaras interpostas entre a posição da bateria e o inimigo. Por isso, só ella é levada em conta no estudo das posições, estudo feito a miude antes da chegada do material.

A determinação do campo de tiro horizontal de uma dada bateria em posição surge do estudo das zonas em ângulo morto, isto é, das zonas não atingidas pelos tiros da bateria, devido aos obstáculos do terreno interpostos ás suas trajectórias.

O conselente não tem duvidas quanto á determinação do espaço morto. Pois bem: No exame das possibilidades de uma bateria, determinam-se os ângulos de encristamento em multiplas direções, não só nas mais pro-

váveis como também nas mais afastadas, onde eventualmente a bateria será chamada a cooperar com seus fogos; dahi resulta uma linha de separação entre a zona em ângulo morto e a zona que, podendo ser batida pela bateria, se estende até o limite do alcance do material.

Se tal linha de separação se prolonga á direita e á esquerda até entrar nas zonas ocupadas pelas tropas amigas, quer isso dizer que o campo de tiro da bateria é excellente; se, ao contrario, se interrompe em certa direcção, diz-se que o campo de tiro estende-se a tantos millesimos para a esquerda ou para a direita da direcção de referencia.

De qualquer forma, a melhor definição das possibilidades de tiro de uma bateria é um desenho na carta (plano director) ou um calco, onde seja indicado todo o contorno da zona que pôde ser atingida pelos tiros da bateria.

CAP. SYLIO PORTELLA

Escola Militar

O regulamento de ensino da Escola Militar é, para qualquer de nós, um assumpto altamente compensador.

A luz que as discussões desse genro projectam sobre as questões em fóco vale bem o tempo perdido em raciocinar e alinhar a phrase.

O simples facto de trazer para o amphitheatro dos jornaes um conjunto de idéias novas expõe quem a tal se arrisca ás hostilidades dos interesses feridos e ás susceptibilidades dos irritadiços.

Mas, ainda assim, o assumpto é compensador. Pena é que os seus variados aspectos não possam ser convenientemente apreciados nas estreitezas de um único artigo.

Resta, pois, ao pluminívo o recurso de encarar certos aspectos do problema, seguindo a corrente das idéias que o empolgam.

*

Para que sejamos despretenciosos e justos, não devemos escrever sobre regulamentos de ensino militar sem render a devida homenagem ao ministro que referendou o decreto que instituiu o regulamento de 1905. Examinem-se hoje as linhas geraes desse regulamento. Ver-se-á que, á parte algumas transigencias com os excessos theoricos dos

mathematicos formados pelos regulamentos anteriores, o regulamento de 1905 é excelente. E' verdade que muita gente sabida, para bancar omnisciencia, denominou-o «regulamento da alfafa», isto é, pasto ás bestas. Não presentiam esses doutíssimos rebentos de uma phase remota de nossa evolução os vigorantes regulamentos de ensino — o da propria Escola Militar. Presentissemos, e teríamos o do milho e o dos dez reis, para não repetir o appellativo deprimente do vintém, com que a chatice da época baptisou a tentativa de 1874.

Mas, valha-nos a verdade: os afoitos detractores do regulamento de 1905, em regra, não o conhecem senão de ouvir dizer...

A esse regulamento escolar deve o exercito a mania dos exercícios que invadio os quartéis, anteriormente adormecidos no reago morno do alferes dr. Fulano, do capi-tão dr. Sicrano.

Foi essa reputada mania que preparou a vinda da missão francesa, cuja obra oportunamente ha de ser julgada.

**

Porque não se ha de voltar, no ensino da Escola Militar, ás linhas geraes do regulamento de 1905, com dois cursos distintos:

um teórico e prático e outro exclusivamente prático?

Por que nos havemos de apegar aos velhos moldes da velha academia de D. João VI, aliás originada de uma velhíssima academia da metrópole portuguesa?

Para a parte prática, sobra-nos hoje o pessoal que nos faltava em 1905.

Por que não se abandonam as divagações matemáticas, de que aliás o regulamento de 1905 ainda estava repleto?

Por que não se ampliam os estudos de geologia e geographia, de línguas e tática?

Por que não se apuram os trabalhos práticos — como a equitação, na quadra em que mais facilmente se aprende a montar?

E assim, sem abandonar as directivas do regulamento de 1905, onde tantos detalhes podem ser postos à margem, por que não aproveitar a experiência adquirida?

Mas, não cabe nos limites de um artigo de jornal o pretencioso *desideratum* de fazer um regulamento escolar.

*

Ha quem diga que a partir de 1905 o nível intelectual da Escola tem calhido.

E' possível. Mas, resta saber se a causa disso está no abatimento de 50% que se fez na matemática dos nossos cursos.

Para um observador menos superficial as causas podem ser outras. E' possível que a culpa caiba toda aos colégios onde se estudam os preparatórios e não aos cursos da própria Escola. Não é possível manter-se um nível intelectual elevado, quando os estudos assentam em uma base falsa.

Para que o nível intelectual se eleve novamente, basta que se torne obrigatória a revisão dos conhecimentos essenciais ao oficial, como o português, a geographia e a matemática elementar.

Isso poderia ter logar no decorrer do curso escolar, num programma aliviado de outras matérias não essenciais, ou mesmo inocuas.

Efectivamente, um curso de humanidades bem feito tem mais importância para o aluno da Escola Militar do que o estudo da estratégia, da tática das grandes unidades e da correspondente história militar — causas que foram excluídas, por desnecessárias, do Curso de Aperfeiçoamento, que é, como se sabe, a escola dos mais antigos subalternos e capitães dos corpos de tropa.

Parece que a Escola Militar precisa ampliar os seus trabalhos de tática, mas sem ir além dos destacamentos tendo por base o batalhão.

*

No ensino da Escola Militar, a parte mais difícil do regulamento é, sem dúvida, a parte moral. Parece que foi Talleyrand quem afirmou que era mais fácil militarizar um civil do que civilizar um militar. Poderíamos retorquir a essa dubia gentileza que militarizar um civil é mais alguma cousa que dar-lhe um fuzil e um capote... Incutir-lhe n'alma tudo que se exige do soldado é o que ha de mais complexo. Porque a verdade é que o jovem militar não se convence a princípio de cousas que mais tarde hão de parecer-lhe evidências.

Para assegurar a convergência dos esforços do lar e do quartel, todos os povos prudentes vão buscar os seus officiaes no seio da bona sociedade. Por isso, não faltará quem diga que a melhor procedencia resolve, no caso, o problema.

Puro engano. A parte moral do ensino militar é outra. As qualidades de carácter incutidos desde o berço apenas são alicerces. Recebido o alimento seleccionado, é necessário molda-lo dentro de outra ordem de idéias. Como? Eis o que não é fácil responder.

Não é possível isola-lo do mundo, para dar-lhe outra mentalidade, como se fazia com os janizários.

E' dentro deste mesmo barathro e no próprio turbilhão da vida que é preciso mante-los, ora com justas e severas compressões, ora com meios suassorios e retribuições adequadas.

Parece que assim nos approximamos da melhor solução

Para refrear os ardores de uma juventude que ainda não se adaptou ás exigencias da vida militar, as severidades, sem excessos, devem ser mais frequentes que nos corpos de tropa.

Ha casos em que a prisão isolada, com obrigação de reflectir sobre a falta cometida, convém e não desdoura. Ella existe mesmo nos colégios de religiosos.

E, como estímulo aos mais dignos, um «grão de aptidão militar», semelhante ao «grão de comando da E. A. O., é preciosa arma a ser manejada por um instructor conscientioso.

As bases deste julgamento podiam ser de duas espécies, uma para o comportamento tido dentro da Escola e outra, de carácter negativo, para as faltas cometidas fora.

Os officiaes estranhos à Escola Militar poderiam concorrer para isso, de modo summa-

rio. A dos instructores não faltaria a colaboração de seus camaradas da trópa. Desse modo, o alumno militar seria fiscalizado a todo instante, nos theatros, nas ruas, nos boudes e nos trens da Central.

Aqui o alumno A. sentou-se na frente de um seu superior, quando podia sentar-se mais para trás; alli, o alumno B. deixou o seu superior de pé e accendeu um cigarro... Como se chama esse alumno? qual o seu distintivo pessoal?

Casos como estes, que por felicidade jamais foram vistos entre nós, mas que se citam propositalmente exagerados, caracterisam as dificuldades do problema e provocam a apresentação de outros alvitres talvez melhores.

O caso é que a disciplina, a compostura do futuro oficial, a sua «linha», enfim, é feita de tudo isso. Sem essas exigencias não ha exercito, nem nas apparencias, nem no fundo.

Haverá maior singularidade do que essa

que resulta da falta de um director de estudos militares?

Como se acommodam, completamente independentes entre si, o professor de tactica e os respectivos instructores?

E, mais do que essa e outras lacunas de ordem intellectual, resalta outra de ordem moral e privada: os jovens alumnos, durante um longo curso, rad cam-se á Capital Federal por um casamento que em regra se realiza mal sahem da Escola. Pode-se dizer que a partir desse dia estão perdidos para as afastadas guarnições da nossa cobertura, onde a crise de officiaes tende a aggravar-se mais e mais.

Nestas condições, qual será o remedio, sem tocar na arca santa do edificq do Realego, sensibilissimo instrumento a accusar as menores variações do chão politico em que vive a capital do paiz, desde D. Pedro I?

Capm. F. DE PAULA CIDADE

O cavallo arabe

(Tte. Cel. Jesus Ugarte — Revista del Círculo Militar — Perú — Trad. de N. V.)

A Arabia mede 1.600 milhas de comprimento por 700 de largura, as diferenças do sólo e do clima tendo produzido varias especies de cavallos alli.

O general Tweedie, que foi por longos annos consul de S. M. Britannica em Bagdad, diz-nos em seus valiosos livros sobre o «Cavalo Arabe» que o arabe typico é o cavalo das nações beduinas de Nadj, um distrito secco e elevado ao oriente de Medina.

Ao empregar-se a palavra «typico» com relação ás diversas criações de cavallo, procura-se significar, como no caso, o característico e melhor.

Outro distrito importante de cria é o deserto Sirio (Shamya), que produz o arabe Aeniza.

Burckhardt (Notes on the Beduins and Wahabys) declara que os cavallos não prosperam em Iemen, paiz ao norte de Aden.

Uma grande proporção de cavallos importados (principalmente da India) com o nome de arabes procede dos districtos adjacentes do Euphrates e Tigre (Jazira, Irac, etc.), mas poucos desses arabes turcos podem pretender ser filhos do Deserto, devido á sua

mistura de sangue estrangeiro (principalmente turco e persa) e não inglez.

No velho testamento nunca se menciona que os arabes hajam montado outro animal que não seja o burro ou o camello. Com quanto o auctor do livro de Job tenha ouvido falar do cavallo de batalha, Job não tinha em suas possessões um só cavallo e seu gado consistia em 500 jumentos.

Herodoto (VII 87) enumera as nações que proporcionaram cavallos a Xerxes para sua cavallaria de guerra, mas os arabes apenas contribuiram com um corpo de camellos.

Agatharcides (citado por Strabo) qualifica os arabes de proprietarios de camellos. Não ha fundamento na tradição de que Salomão enviou cavallos á Arabia e o cavallo arabe de puro sangue descendia de egus que pertenceram a Mahoma.

Parece que a criação de cavallos não se generalisou na Arabia senão depois da época de Mahoma (571-632 A. D.).

Tweedie está de acordo com Burckhardt (1784-1817) em que a Arabia não é rica em cavallos, devido á pequena extensão de suas pastagens. Parece mais que provavel que o cavallo arabe seja oriundo da Mongolia.

Diz-nos o general Tweedie que, posto que os árabes façam grande empeño em conservar a pureza do sangue dos seus cavalos, não levam elles sua genealogia por escripto, por serem illetrados. Elles empregam a palavra *Kujailan* para qualificar seus cavalos puros sanguíneos, como o fazem os ingleses ao dizerem «Thorough-bred».

Lemos no «Arabian Horse» que o tronco paterno de Kujailan produziu quatro grandes ramos — Saklavi, Ubaiyan, Jamdani e Jadbani — que se conhecem no idioma árabe como Al Kamsa, que significa «as cinco», incluindo Kujailan.

Na Índia, entre os mahometanos, e também na Pérsia, se emprega a palavra arabe, asil, que significa bem nascido, genuino, ao falar-se do cavalo Kujailan. A palavra «kadish», que significa «de má raça» ou «chusco», é tão corrente entre os árabes que Nieuwenhuys e outros escriptores dividem a raça cavallar em duas — os *Kuijalan* e os *Kadish*, sendo que «kadish» não é uma raça especial, mas apenas significa *plebeu* entre os cavalos.

Palgrave (Encyclopædia Britannica) dá-nos a entender que os cavalos de puro sangue árabe não se exportam.

Tweedie nos demonstra que isso não é exacto e que a exportação delles é um grande comércio com a Índia, via Kuwait (Graue).

Como os árabes Nadji montam equas tão sómente, estão dispostos a vender naturalmente seus cavalos inteiros por bom preço, e, posto que não lhes agrada vender as equas, para a exportação, vendem-nas sempre que alcançam um preço convidativo.

Negociantes árabes experimentados asseguram que entre os cavalos que se mandam para as corridas na Índia se encontram muitos da melhor casta e dos mais puros.

Também o coronel Valentine Barker diz que os melhores cavalos se mandam para Bombaim, onde a casta mais pura alcança, para a exportação, os preços de 200 a 300 libras esterlinas por cabeça.

Os cavalos árabes do grande apreciador Ali Pashá Shereef deram-me a impressão de que muito poucos árabes bons vão ao Egypcio, onde naquella se compravam por £ 22, mais ou menos.

«Não conhecemos melhor modo de um europeu vêr ou comprar cavalos de Nadji do que ir de Junho a Setembro ao oasis de Barjasaria, que fica a três dias de viagem do porto de Kuwait, que fica a umas 150 milhas ao sul de Bussora».

Tweedie, Palgrave, Skene e outros insistem em que «ha sangue e productos no deserto que nunca sahiram dalli».

«Não só refutam os factos o argumento de que a Arabia possue melhores pôtros do que os que exporta, como a realidade comprova ainda mais. O deserto está quasi completamente despojado de seus melhores cavalos de sangue e são muito poucos os pôtros que prometem, os que ficam em poder de seus donos, da edade de 2 a 5 annos. Se na Inglaterra existem muitos, a Arabia conserva poucos.

Visitando-se os acampamentos das tribus, ver-se-hão muito poucos pôtros desmamados, excepto uns quantos de reserva e os que os negociantes não querem comprar.

A existencia de animaes que essa gente possue consiste principalmente em eguas bem provadas, cavallos inteiros velhos e potrancas» (Tweedie).

O finado Esabéu Curtas, que foi um grande importador de cavalos árabes em Bombaim, sempre disse que os melhores árabes não excediam, no geral, de 1.^m48 de altura.

Essa opinião é incontestavelmente criteriosa, principalmente referindo-se aos verdadeiros filhos do deserto, os árabes de Nadji.

Ali Ben Abdullah, que possuiu, preparou e montou vitoriosamente, prefere que sejam mais altos, mas isso se explica pela sua ardorosa paixão pelas corridas. Posto que muitos dos árabes importados pela Índia sejam de 15 hands, eu assinalaria o limite de 15,1 porque tenho certeza de que a maioria dos que se dizem árabes e são de maior altura tem sangue estrangeiro nas veias.

A julgar pelos «records» de corridas da Índia, durante os ultimos 60 annos, o saldo de excellencia se inclina muito pouco para o lado dos árabes altos (maiores de 14,3).

Por conseguinte, quanto à velocidade como requisito no sentido geral, não vejo vantagem em que um árabe seja mais alto do que 14,1.

Quanto mais excede um árabe, digamos de 14,2 de altura, mais predisposto a ser fraco de lombo, etc.

Deduzimos das observações anteriores, tomando nosso ponto de vista occidental, que o árabe é, portanto, um «poney».

Apezar dos árabes se empregarem muito em corridas, na Índia, só competem entre os de sua raça ou com «poneys» de 14 hands ou menores, porque, mesmo se lhes dando vantagens no peso, não têm probabilidade abso-

lutamente de vencerem seus rivais estrangeiros.

A falar verdade, não são nem cavalos de corridas, nem «poney».

A egua Skittles, propriedade do capitão Wowbray, do regimento Blac Watch, ganhou em corrida de 2 milhas no Cairo, em 1886-7, ao arabe Haddeen, dando-lhe 7 libras de peso. Haddeen era considerado no Egypto como um arabe extraordinariamente ligeiro.

A egua Fleur de Lys, de Mr. Kelly Maitland, de 13,2 de altura, provou varias vezes ser tão veloz como qualquer arabe da India em corrida de 3/4 de milha.

Mesmo no polo da Inglaterra os arabes não dão bom resultado, principalmente agora, que a altura regulamentar foi aumentada para 14,2, altura que permite que os poney's ingleses tenham uma grande infusão de sangue «Thoroughbred».

Os arabes são inferiores aos cavalos de polo ingleses, não sómente em velocidade como em habilidade.

Na India uns tantos arabes se tem distinguido em «steeple — chasing», em sua própria classe, mas no geral estão longe de ser saltadores como os poney's de sangue inglez.

Não obstante os arabes não se distinguem como cavalos de corridas, caçadores (hunters) Chaser corretores e cavalos de polo, são, contudo, de grande valôr como cavalos de cavalaria ligeira, com cujo objectivo especial se os tem criado ha muitas centenas de annos. A esse respeito, sua valentia, sua docilidade, grande resistencia e sobriedade, constituem qualidades de extraordinaria importancia.

O general Tweedie, escrevendo em 1874, nos diz que «ha 35 annos que o capitão Ho-

ene, da artilharia montada, se propôz montar seu mouro arabe, Jumping Jimmy, 400 milhas em 5 dias, realizando a proeza no prado de corridas de Bangalore, ante uma multidão de espectadores, sobrando-lhe 3 horas e 5 minutos. Pôde-se ler a descrição detalhada dessa proeza no Bengal Sporting Magazine de 1840.

A particularidade que a distingue das recentes provas de resistencia cavallar realizadas na Alemanha está em que Jumping Jimmy não deu signal de cansaço nem durante nem depois de realizada a prova.

O arabe é um «hack» delicioso, pois está de todo livre de timidez, impetuositade, caprichos, passarinhos e outros vícios que tornam o montar um aborrecimento.

As admiraveis qualidades mentaes que possue «o filho do deserto» são evidentemente o resultado de cuidadosa selecção que fizeram seus criadores.

As principaes cores do arabe verdadeiro são: alazão e castanho. Entre os arabes puros, a cor negra é muito rara. O ponto fixo mais caracteristico do arabe verdadeiro é a maneira peculiar graciosa com que alça a cauda, levando-a ao lado e bem levantada, não meneando-a de um lado para outro como o «Thoroughbred» inglez.

Muitos arabes ao correrem mantêm o saibugo da cauda em posição mais ou menos vertical. A cauda do arabe é collocada muito em cima e os tendões são bem desenvolvidos. A crina nunca é grosseira.

O arabe é, pois, reconhecido mundialmente como o melhorador de sangue mais poderoso e é por isso que o pedimos ardorosamente e incessantemente para os *haras* já estabelecidos.

Attender ás nossas solicitações, será fazer obra de bem para o paiz e para o exercito,

PELA VOLTA DOS CAPELLÃES AO EXERCITO E Á ARMADA

«A majestade dos exercitos impõe-se e subjuga-nos. O exercito tem o aspecto de um poder que fulmina. Revemos nesse a grandeza e a majestade da Nação e sentimo-nos orgulhosos. E, quando esta omnipotencia humana inclina as armas e dobra o joelho ante a majestade Divina, que espectáculo unico, que grandeza inexprimivel! »

Vêde, por exemplo, este quadro arrebatador: era nas vesperas da batalha de Tuyuty. O exercito inteiro orava. Era o terço. Após haver sido entoado o hymno nacional, o ex-

ercito começava a sua oração: «O' Virgem da Conceição, Maria Immaculada, Vós sois advogada dos peccadores! Tal era a oração daquelles bravos que se iam bater como leões e que, humildemente de joelhos em terra, não se envergonhavam de levar á frente as suas mãos callosas e habituadas no manejo da lança, e fazerem o santo signal da Cruz. Tal era a oração daquelles nossos bravos antepassados. Ei-los alli, todos ajoelhados, certos de que «a oração é o plenilunio do com-

mando, a fonte Divina de onde sae gloriosamente a energia do soldado».

E, hoje, não vemos mais espetáculos tais? Os soldados do Brasil não mais se ajoelham? A que título, a que pretexto foram arrancar do seio do exército essas ideias religiosas, que são a fonte da grandeza moral da nossa raça?

A título de liberdade de pensamento. Vêde como o nosso grande Ruy Barbosa explica isso, numa argumentação: «Pelo princípio da liberdade de pensamento, prescripto no parágrafo 3º do artigo 72 do Estatuto Fundamental de 24 de fevereiro, todo o indivíduo pode exercer livremente o seu culto e, por motivo de crença, ninguém poderá eximir-se do cumprimento dos seus deveres cívicos. Caso contrário, perderá todos os direitos políticos. De modo que o raciocínio de um católico brasileiro tem que ser este: A República assegura-me a liberdade para o cumprimento dos meus deveres religiosos; ora, no recinto dos quartéis, eu não posso cumpri-los, por isso que não ha ali serviço religioso algum. Mas, furtando-me ao serviço militar, perco todos os direitos de cidadão.

Então, o único remedio é abjurar todas as minhas crenças. Mas isto não é ir de encontro á essa propria liberdade de pensamento?

Que liberdade é essa, então? Onde está ella, se de nada me serve?»

E, mais adiante, conclue Ruy Barbosa: «O Estado exige de todos os cidadãos o imposto de sangue. E ninguém mesmo lhe poderá recusar tão sagrado direito. Ao reclamo deste dever, se alistan os exercitos e se tripulam as esquadras. Mas, esses cidadãos, que se prestam a morrer pela integridade da Nação, não abjuraram, é certo, vestindo as fardas, a consciencia religiosa. Quem lhes ha de ministrar, então, nos quartéis, nos va-los de guerra, nas escolas e collegios militares, nos campos de luta ou nas vagas do oceano os sacrifícios Divinos? Quem, se a rigidez das obrigações militares não quiser reconhecer os mandamentos de Deus? Quem, se a lei fechar os estabelecimentos militares a Jesus Christo? Quem ha de, no leito do hospital ou no fogo dos combates, ministrar os socorros do céu áquelles que livremente o implorarem?»

Conclusão: Ninguem poderá, pois, deixar de reconhecer a necessidade da reincorporação ao exército e à armada dos seus antigos capelões. Sim, porque «desgraçados de nós quando amanhã tambem se levantar o atheísmo armado a fusil e bayoneta».

TENENTE R. CAMARA.

Notas sobre a instrução dos Quadros no Serviço de Campanha

(Da Escola de Cavalaria da França)

(CONTINUAÇÃO)

V — PATRULHA DE POSTOS AVANÇADOS.

Ella pode ser de 2 espécies:

1.º — Fornecida por um posto de segurança em estação, com a missão de aumentar o campo de observação das sentinelas; compõe-se de 2 a 3 cavaleiros, commandados por graduados, se o comportar o efectivo do posto. Ella deve circular constantemente de dia ou de noite. O fím, a composição e a frequencia deste genero de patrulhas indicam que elles devem ter um raio de acção muito reduzido (2 kilómetros, no maximo, além da linha das sentinelas).

O chefe do posto dá suas ordens ao da patrulha, mostrando-lhe, sobre o terreno, os pontos a atingir, quer proceda por son-

dagens ou indique um itinerario em semi-círculo á frente das sentinelas; faz-lhe conhecer igualmente os logares dos postos vizinhos, a senha, os signaes, etc. As patrulhas que tiverem de marchar á noite devem percorrer durante o dia o mesmo itinerario, que lhes ficará assim bem conhecido.

A patrulha, cujos cavaleiros conhecem a senha de reunião e os signaes, marchará com precauções, parando a todo o momento para escutar á noite.

Em caso de encontro com o inimigo, se ella não fôr vista, informa logo ao posto e continua a observar; se fôr surprehendida, previne por um tiro e recolhe-se ao posto, salvo o caso em que as condições do terreno lhe permittam encerrar a patrulha inimiga

entre ella propria e o posto e fazer assim prisioneiros.

2.^o — *Enviada pelo chefe da tropa*, sobre um ponto ou sobre uma linha que elle deseja vigiar, cujo afastamento entretanto não permita seja o serviço feito pelos postos.

Estas patrulhas serão de composição e envergadura muito diferentes, segundo o fim; deverão receber indicações muito nitidas sobre os pontos de saída e de entrada das linhas, para evitar enganos; tudo isto é da alçada do commandante que as destaca.

Quanto aos processos, são, em menor escala, os mesmos empregados na patrulha de reconhecimento.

VI — PATRULHA DE LIGAÇÃO

O estudo comporta o caso de uma patrulha encarregada de estabelecer e conservar a ligação entre duas columnas de infantaria, marchando sobre estradas paralelas que não possam ser vistas, uma da outra.

O chefe da patrulha seguirá um itinerario intermediario, sobre o qual marchará por lances, mantendo-se, mais ou menos, á altura do corpo da vanguarda, onde em regra se acham os commandantes das columnas, que estão constantemente ao corrente da situação.

Os lances serão feitos sobre pontos que permitam pôr-se em relação com as columnas, isto é, em terreno descoberto; sobre os pontos culminantes, onde a ligação possa ser estabelecida pela vista; sobre cruzamentos de estradas, onde ella é estabelecida pelos esclarecedores que tomam as transversaes.

Em principio, o chefe só prosegue depois de ter reunido os seus esclarecedores. Se a marcha das columnas fôr rápida (caso das columnas de cavalaria) ou se o intervallo fôr muito grande, o chefe da patrulha pode não ter o tempo suficiente para esperar essa reunião. Deixa então um graduado, se o tiver a sua disposição, ou um balisador, que os reunirá e aumentando a andadura o alcançará.

VII — PATRULHA DE COMBATE

Quando as columnas de cavalaria deixam as formações de estrada para tomar formações menos densas, e as vanguardas tornam-

se órgãos de manobra, deixando de ser os de segurança, esta é então garantida por patrulhas de combate, com as quaes o chefe deve cobrir sua tropa. O enunciado de sua missão indica sua importancia.

A que distancia deverão cobrir estas patrulhas?

Mais perto, evidentemente, do que durante a marcha sobre as estradas, porque a tropa está prompta para combater; sómente o terreno fixa a distancia; por exemplo: se na direcção a cobrir a vista é limitada por um bosque de pequena extensão, a patrulha deverá passar para o outro lado da coberta; se fôr por um bosque de grande extensão, deverá atravessal-o, se a tropa estiver proximo á sua orla, e vigiar sómente o seu contorno, em caso contrario. Se o terreno apresentar uma serie de cristas, a patrulha deve procurar, em regra, a segunda crista, visto como assinalaria tardeamente um perigo que surgisse sobre a crista mais proxima e a tropa não estaria em condições de aproveitar-se do terreno.

Por isso que a patrulha de combate garante a segurança, deve ligar-se á tropa e não ao inimigo; afim de poder deslocar-se com ella, continuando a sua missão; se ella não puder vel-a (o que será o caso geral, porquanto a tropa esforça-se por colinear despercebida nas dobras do terreno) um dos cavaleiros da patrulha será encarregado deste papel, marchando aquem da coberta ou sobre a primeira crista.

Nas mudanças de frente da tropa ha toda vantagem em que as diferentes patrulhas de combate se desloquem o menos possível, e que, por exemplo, a que estava encarregada do serviço na frente, tome a vigilância do flanco sobre o qual se acha, e vice-versa.

Durante o combate, as patrulhas continuam sua missão: as que esclareciam sobre a frente, são obrigadas a se retirarem sobre as alas; as que esclarecem sobre os flancos e a retaguarda têm um papel importante para descobrir os ataques de flanco e revez.

Em todas as circunstancias, a informação deve ser levada ao mesmo tempo ao chefe e ao chefe subordinado commandante da tropa directamente ameaçada.

O facto de obrigar o inimigo a ceder o terreno que ocupa é o unico signal certo de successo. Vencer é avançar — *Grandmison*.

UM ESQUADRÃO DE CAVALLARIA EM DESCOBERTA

(*Da Revue de Cavalerie — Cap. Dame. Trad. de N. V.*)

I

A situação geral no mez de Março de 1917

a) *A situação do lado alemão* — Desde o começo do anno de 1917, o Grande Estado-Maior alemão verificou que seus exercitos, fatigados pelas batalhas de Verdun e Somme, dentro em pouco tempo não poderiam mais fazer frente a todas as forças da Entente simultaneamente. Por isso, desde que foi informado, em Fevereiro, que nós atacariamoos sobre o Aisne em Abril e que esse ataque principal seria conjugado com um outro ataque inglez na regiao de Arras, tomou elle a decisão de executar o plano de recuo previsto desde 1916 e ocupar as posições da linha «Hindenburg», que se estendia de Iéste de Arras a Vailly, passando por St. Quentin e La Fere.

O movimento começou a 24 de Fevereiro, deante da frente britânica na região do Ancre, mas foi a partir de 15 de Março que elle se desenvolveu bruscamente para o sul e que o inimigo evacuou sem combate as posições que ocupava deante do nosso grupo de exercitos do Norte, a oeste de Chaulnes, Roye, Lassigny e Ribecourt.

b) *A situação do lado francês. Hypotheses possíveis de considerar-se no momento em que se produziu o recuo inimigo*. — De nosso lado, as diferentes linhas fortificadas progressivamente estabelecidas pelos alemães nos eram conhecidas e as numerosas destruições que elles tinham feito recentemente não nos tinham escapado (1). Mas o G. Q. G. não podia admittir, sem provas mais evidentes, que o inimigo fosse assim recuar depois de ter despendido até esse dia tão grandes sacrifícios para conservar suas posições, demonstrando por isso mesmo toda a importância que elle ligava aos ganhos territoriais.

Os acontecimentos mostraram a realidade: o inimigo batia em retirada.

Deante dessa situação, era preciso saber que plano elle realizava; e diversas hypotheses podiam ser, de facto, consideradas por nosso commando.

— Tratar-se-hia de uma retirada precipitada, mais ou menos organisada?

Não era absurdo admittir um abatimento do moral adversario e considerar, portanto, uma vigorosa perseguição e um aproveitamento vantajoso.

— Achámos-nos, ao contrario, em presença de uma manobra estratégica realizada em condições de tempo e espaço desejados e por tropas disciplinadas?

Era lícito suppor que o inimigo procedia a um encurtamento de frente, em vista de uma melhor repartição de suas forças. Se era isso, onde iria elle parar?

Os reconhecimentos aereos e as diversas fontes de informações nos haviam esclarecido sobre as organizações á retaguarda de suas primeiras linhas,

A existencia da linha «Hindenburg», em particular, nos era conhecida.

Mas os alemães iriam fazer sua nova frente — ou ocupar a frente — ou recuar ainda, até o proprio Meuse, como consideravam alguns?

— Emfim, não se trataria de uma cilada? E o commando alemão, com suas tropas habituadas á guerra de movimento, não procuraria fazer-nos sahir de nossas organizações defensivas, afastar-nos de nossas bases de abastecimento e impôr-nos a batalha em condições particularmente desfavoráveis? Hypótese de um contra-ataque em massa, que não poderia deixar de chamar a atenção de nossos chefes de exercitos.

Era, pois, de urgencia, esclarecer a situação, para conhecer o mais cedo possível as intenções do inimigo.

c) *Disposições tomadas pelo commando francês. Elle appellou para sua cavallaria para esclarecer a situação*. — Foi com esse fim que, logo que se iniciou a retirada alemã, nossos exercitos se puzeram em marcha, começando a perseguição. Mas, ao passo que o inimigo se afasta rapidamente, nossa progressão é lenta, porque, na falta de informações necessárias, ella deve ser prudente. E essa lentidão é ainda agraviada pelas grandes dificuldades do reabastecimento em zona systematicamente devastada e cujas vias de

(1) O general Franchet d'Esperey, commandante do G. E. N., tinha assignado nos primeiros dias de Março a vanguarda de atacar o mais cedo possível, sob pena de ver a offensiva de seus exercitos esahir no vacuo.

comunicação, em particular, foram totalmente destruidas.

E, no entanto, é preciso que o commando saiba e que saiba rapidamente. Certamente, elle não esperou até esse momento para fazer appello á sua aviação; mas, em consequencia das possibilidades dessa arma, elle não obteve senão as grandes linhas da situação.

Elle soube por ella das organizações na linha Epperville — Ferme Bonneuil — Le Plessis Patte d'Oie; — que não ha nehum traço de defesa entre Ham e St. Quentin; e — que essa cidade constitue, á frente da linha «Hindenburg», cujo traçado passa a leste, um baluarte envolvido de trincheiras, que se prolonga para o sul até Berthenicourt. Elle pôde, pois, presumir que os allemães offerecerão nesta forte posição uma séria resistência.

Mas, farão elles frente? O exercito terá de percorrer uma zona vasia de inimigos ou deverá ahi manobrar e combater? Nesse caso, qual o valôr das forças que lhe serão oppostas? A que unidades pertencerão elles?

Nossas patrulhas aéreas, consideravelmente entravadas pelas condições atmosféricas desfavoraveis, não podem responder a essas questões.

Apenas destacamentos, esmerilhando os diferentes accidentes do terreno, poderão fornecer as precisões necessarias. Como importa, além disso, ter informações o mais cedo possível, é lógico que o commando se dirija á unica arma que se pôde transportar rapidamente, qualquer que seja o estado das comunicações, isto é, á sua cavalaria, que elle felizmente conservou e adextrou, sem ceder á tentação de suprimi-l-a, não obstante o carácter de guerra de posição tomado pelas operações ter podido fazel-a considerar como inutil.

d) Ordem dada pelo general commandante do III Exercito á 1.^a D. C. Ordem para a descoberta dada pelo general commandante da 1.^a D. C. — A 1.^a divisão de cavalaria estava desde 14 de Março no campo de Crèvecœur, na zona do G. E. N., quando, na noite de 16 para 17, recebeu a ordem de avançar em duas etapas para a região ao norte de Montdidier.

A 18 de Março, ao attingir seus acantona-mentos de fim de marcha, Pierrepont, Cantigny, Ainval, foi ella posta á disposição do commandante do III Exercito «para esclarecer o exercito em sua progressão para leste e cobrir a constituição do nosso front deante da posição «Hindenburg». Devia ella, por

outro lado, procurar attingir as retaguardas inimigas, para fazer prisioneiros e impedir as destruições que essas retaguardas não tivessem ainda podido realizar.

O general commandante do III Exercito prescreveu, em consequencia, ás 12 h. 30 m., a prosecução do movimento sobre Guerbigny — La Boissière e ás 15 horas deu á 1.^a D. C. ordem de transpor a frente (linha Ham — Guiscard) a 19, ás 6 horas da manhã, e avançar na direcção de Jussy — Ribemont, com a missão :

1.^º — de esclarecer nas direcções de La Fére (valle do Seire), Ribemont (valle do Oise) e Saint Quentin;

2.^º — de marchar na direcção geral de Ribemont e de romper as resistências encontradas entre Somme e Oise;

3.^º — de determinar a frente sobre a qual queria resistir e fixar a linha sobre a qual nossas tropas viriam estabelecer-se ao alcance dos canhões das posições inimigas.

Executando, e para attender em particular ás missões 1.^º e 3.^º, o general commandante da 1.^a D. C. deu a ordem seguinte :

ORDEM Á DESCOBERTA

I) Destacamentos de descoberta:

a) Um esquadrão (II Brigada de Dragões) em descoberta na direcção geral : La Fére. Eixo : Avricourt — Beaulieu (itinerario sul da D. C.) ;

b) Um esquadrão (5.^a Brigada de Dragões) em descoberta na direcção geral : Ribemont. Eixo de marcha : norte da linha Golancourt — Jussy ;

c) Um esquadrão (2.^a Brigada de Couraceiros) ao norte de Roye em descoberta na direcção geral : St. Quentin. Eixo de marcha : Balatte — Buverchy — Ham.

II — Missão commun aos destacamentos de descoberta :

a) determinar a frente inimiga, desde que seja detida ;

b) determinar as ultimas cristas ao abrigo das quaes se possa approximar da frente inimiga ;

c) reconhecer os pontos de passagem sobre o canal do Norte, o canal de St. Quentin e o Somme.

NOTA — Os esquadrões de descoberta se informão, á passagem das primeiras linhas de infantaria e ao contacto dos elementos da cavalaria de corpo, sobre a situação além do «front».

III — Informações a fornecer: Enviarão informações, mesmo negativas:
 1.º á passagem do canal do Norte;
 2.º á passagem da grande estrada Ham — Noyon;
 3.º á passagem da grande estrada St. Quentin — St. Simon — Chauny;
 4.º á passagem da via-férrea Saint Quentin — Tergnier;
 5.º da frente La Fére — Ribemont.

IV — Eixo de informações: As informações serão enviadas pelo eixo de marcha: Roye — Roiglide — Erchen — Esmery — Hallon — Golencourt — Cugny — Jussy.

V — Os destacamentos de descoberta se esforçarão por não se deixarem deter por pequenos elementos e tomarem contacto com a linha inimiga.

VI — A descoberta seráposta a caminho logo que os homens e os cavalos tenham comido, o mais tardar às 21 horas.

O general commandante da 1.ª D. C.

Assignado — Robillot

Nós deixaremos os esquadrões de descoberta da 5.ª e II Brigadas de Dragões realizarem seus reconhecimentos.

Não seguiremos mais as operações da 1.ª D. C. na região de Jussy.

Este estudo tem apenas por fim expôr as condições nas quais o esquadrão de descoberta da 2.ª Brigada de Couraceiros (3.º esquadrão do 1.º de Couraceiros) pôde preencher sua missão, obter informações e contribuir assim para esclarecer o comando sobre as intenções do inimigo.

II

O 3.º esquadrão do 1.º de Couraceiros em descoberta sobre Saint Quentin

O esquadrão de que se trata, comandado pelo capitão Gallon, havia deixado Esserteaux a 18 de Março pelas 11 h., com seu regimento, e chegaria a Davenescourt pelas 20 h., para ali acantonar, fazendo assim uma etapa de 30 kms.

Foi aí que ele recebeu a ordem de avançar em descoberta sobre Saint Quentin.

O esquadrão deixa o acantonamento um pouco antes da meia-noite, dirige-se por Lignières sobre Roye e atinge o canal do Norte em Buverchy a 19, ao clarear do dia (32 kms.).

A JORNADA DE 19 DE MARÇO

a) A passagem do canal do Norte e a marcha sobre Ham. — A ponte está destruída. O esquadrão de descoberta acha, detido como elle deante do canal, um esquadrão do 13.º de Hussards, cavalaria divisionária da 19.ª D. I. (do 20.º C. E., que deve atingir no fim da marcha a frente Canizy — Ham — Villette).

Apenas elementos de infantaria dessa D. I. (48.º R. I.) puderam passar á margem leste, mas as informações que deram são sem importância, pois elles perderam o contacto com o inimigo.

O capitão commandante tem a maior aancia em avançar, Realisa no local os trabalhos para tornar a passagem praticável e destaca para Nesle um sub-official, sargento Conrads, á procura de uma ponte intacta. Depois, executando as ordens recebidas (parag. 3º da ordem de descoberta) expede a primeira informação :

« Informação n.º 1

(Expedida ás 7 h. da ponte de Buverchy)

I — As pontes do canal do Norte em Buverchy e Breuil estão destruidas.

II — Eu estou em ligação com :

a) o chefe de batalhão commandante dos elementos do 48.º R. I. que ocupam o terreno a leste do canal;

b) o esquadrão divisionário (13.º de Hussards) da 19.ª D. I., que ainda não pôde passar o canal.

III — Trabalho junto á ponte de Buverchy e conto transpol-a dentro de 1 hora ».

Em quanto isso, as ribanceiras do canal são cavadas a pá para permitirem a descida facil dos cavalos para a agua e os cavaleiros transportam as bagagens e armas para a margem leste do canal, utilizando a armação de ferro da ponte, cujo assoalho partido está sobre as aguas.

Logo que se pôde atravessar o canal, um sub-official, sargento Blanc, foi destacado, com 4 soldados, para reconhecer, entre Voyenne e Ham, as pontes em que o Somme pôde ser transposto. O esquadrão realizou em seguida a passagem, parte no proprio local e parte em uma ponte reconhecida em Quiquery pelo sub-official destacado para Nesle. A unidade foi regrupada em Buverchy, sendo alcançada proximo desse local pelo esquadrão de descoberta da 5.ª B. D. (esquadrão Gravereaux do 23.º de Dragões), que prosegue em seguida para Jussy.

O esquadrão Gallon retoma sua marcha para Ham, ultrapassa em Hombleux nossa infantaria (48.º R. I.), que não retomou o contacto, mas se encontra de novo no arroio Allemanha, onde a estrada de Nesle a Ham está cortada por um atoleiro. Uma tentativa de passagem rápida teve apenas como resultado atolarem-se vários cavalos e foi preciso decidir-se à construção de uma estiva.

Essa estiva foi construída com pranchões e taboas de uma casa vizinha destruída.

Foi uma nova perda de tempo, mas o capitão commandante vio, felizmente, nesse interregno, regressar o sargento Blanc, destacado para Voyenne e Ham. Esse sub-official pôde penetrar às 10 h. no subúrbio sul de Ham, trazendo preciosas informações, que permitiram expedir a seguinte mensagem:

«Informação n. 211

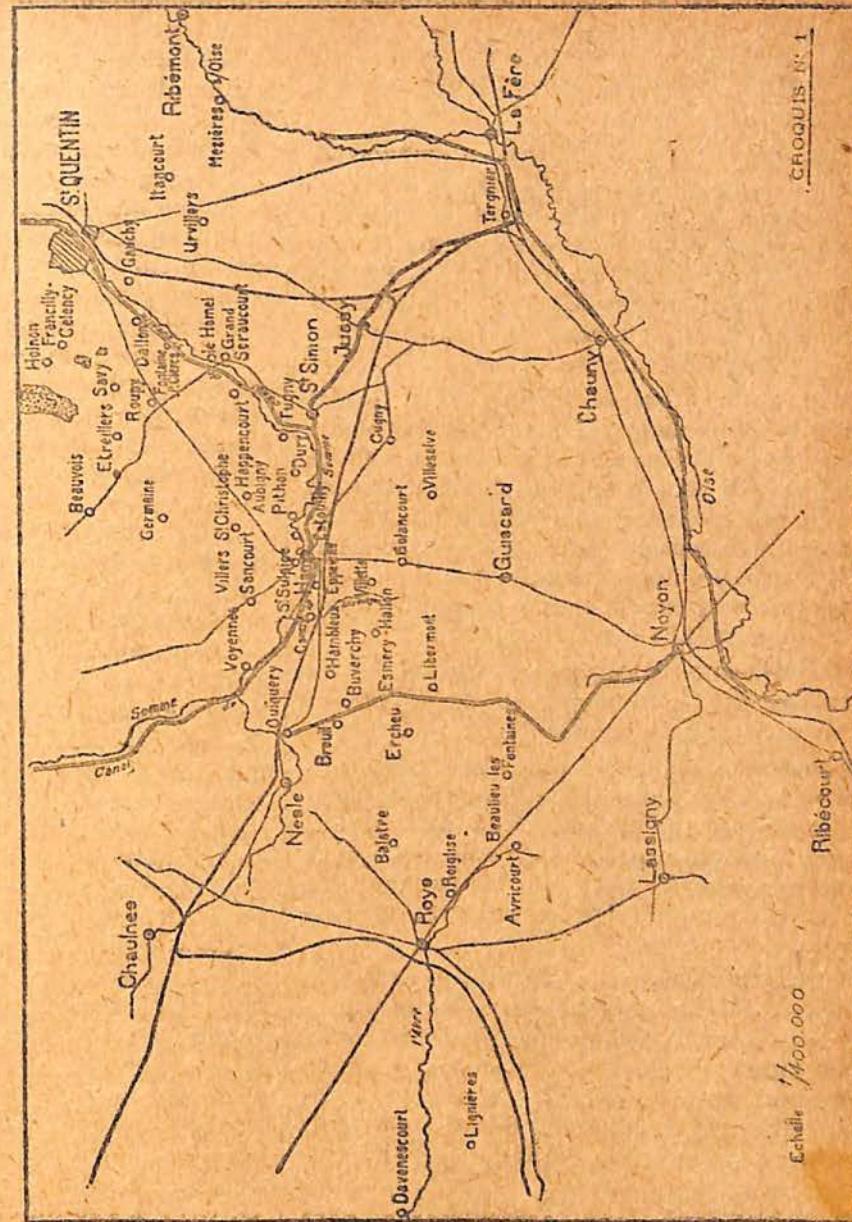
(Expedida ao meio-dia do arroio Allemanha (1 km. oeste de Eppeville).

I — Todas as pontes do Somme entre Voyenne e Ham (inclusive) estão destruídas.

II — a) O subúrbio de Ham (margem sul) e a estrada de Ham a Noyon, nas vizinhanças de Ham, estão sem inimigos;

b) Os habitantes afirmaram que toda a cidade de Ham foi evacuada. Os Estados-Maiores dos XIV e XVII corpos alemães tentaram evacuar Ham esta manhã pelas 2 h.

III — Meu esquadrão transpõe o canal do Norte, metade em Buverchy (cavalos a nado) e metade em Quiquery (2 kms. leste de Nesle), sobre uma ponte em que a cavalaria pode passar muito facilmente.



CROQUIS N. 1

damente uma estiva, como precedentemente.

O esquadrão passou e, ancioso por ganhar a estrada de Saint Quentin, atravessou as ruas de Ham, cortadas de atoleiros e atraçanadas de escombros.

b) A retomada do contacto. Combates de Villers—Saint Christophe e de Aubigny — Mas a ponte do suburbio Saint Sulpice, sobre a qual a estrada atravessa o Somme, está igualmente destruída e o leito do rio, vadeável em tempo ordinario, está impraticavel em razão dos buracos que o inimigo ahi praticou por meio de minas.

Foi lançada uma ponte, com o auxilio dos habitantes, por meio de pranchas, escadas e estacas encontradas no local, ponte principalmente util para a entrada dos cavallos na agua, a escarpa sendo de alvenaria. Os cavalleiros atravessam em grande parte montados a cavallo, mas, havendo quedas e accidentes graves, os cavallos passam, finalmente, por grupos e em liberdade.

Os habitantes assinalam a presença de patrulhas inimigas na região de Villers—Saint Christophe e Aubigny.

O commandante do esquadrão dá, em consequencia disso, ao tenente Moubrison, commandante do 1º pelotão, que atravessou, ordem de avançar para o norte de Ham para cobrir a passagem do resto do esquadrão e dar conta de qualquer movimento do inimigo.

Passando desde o principio, o sargento Rouger foi destacado pelo eixo Estouilly—Pithon—Dury e Tugny para reconhecer se essas localidades estão ocupadas e se as pontes sobre o Somme e o canal estão intactas. Finalmente, um cabo foi destacado em patrulha para cobrir o esquadrão na direcção de Sancourt.

O capitão avançou pessoalmente para perto do cemiterio de Ham; dahi percebe logo, vinda de Sancourt, uma columna de cavallaria que, sem se cobrir de modo algum, se dirige para Villers—Saint Christophe. Elle não pôde apreciar exactamente a composição, mas foi quasi imediatamente informado por seu pelotão de cobertura que se tratava de uma columnna inimiga importante, comprehendendo uhlans e cyclistas.

Era interessante completar essa informação e saber, em particular, a que corpo pertenciam os elementos dessa columnna. Mas a desproporção de forças não permittia o combate a cavallo. Um só meio restava: atacar o inimigo por um fogo bem preciso, que,

surprehendendo-o, o obrigaría talvez a abandonar no terreno mortos e feridos.

Tomada essa decisão, o pelotão recebeu ordem de installar-se para o combate a pé e tomar sob o fogo de suas carabinas e fuzis-metralhadoras a columnna em questão.

Produzio-se instantaneamente a desordem entre os allemaes, que fugiram, mas conduzindo os seus feridos. Os cavalleiros abrigaram-se em Villers-Saint-Christophe, ao passo que os cyclistas, firmados nas orlas dessas localidades, respondem aos nossos fogos.

O tenente Monbrison e os couraceiros Saintonge Raoul e Pautré são feridos, este ultimo gravemente. O cavallo do cavalleiro Guesdon foi morto e o do cavalleiro Saintonge foi ferido, patrulhando deante de Aubigny.

Essa accão não forneceu, pois, nenhuma precisão; mas, era preciso vêr atrás dessa cortina de fogo que nos mascarava a direcção de Saint Quentin.

O esquadrão não pôde immobilisar-se deante de uma retroguarda. Por isso, conservando em sua posição o pelotão que acabava de agir, o capitão orientou para Aubigny, que lhe pareceu mal ocupada, um dos dois outros (pelotão Rolland) que estava até esse momento mantido a cavallo.

A missão desse pelotão é vêr a estrada de Saint Quentin e aproveitar qualquer occasião para suprehender o inimigo.

Mas, mal iniciou elle seu movimento, o capitão percebeu á sua direita um pelotão do 13.º de Hussards (dos esquadrões já encontrados), realizando precisamente o movimento que elle acabava de prescrever. Elle restabelece, pois, sua ordem e foram os hussards que penetraram em Aubigny, onde arrebataram um comboio composto de 1 sub-official e 2 soldados do 14.º de Hussards (2.º D. C.) ; 2 sub-officiaes e 9 soldados do 9.º batalhão de cyclistas ; 1 sub-official e 6 soldados da companhia sanitaria 3 do XVII C. E., ou seja um destacamento de 21 homens e 20 cavallos, que tinha por missão reabastecer a retroguarda inimiga.

Essas informações foram imediatamente enviadas pelo 13.º de Hussards ao X C. E.

Villers—Saint-Christophe, o engenho de Aubigny e Aubigny são evacuados pelo inimigo, que se retira sobre Saint Quentin.

Chega a noite. Nossa infantaria (48.º R. I.) desemboca de Ham. O commandante do esquadrão de descoberta a põe ao corrente da situação e lhe assinala em particular o interesse em ocupar desde logo esses logares,

que offerecem excellentes observatorios. Depois, foi passar a noite no arrabalde de Saint Sulpice, de onde envia a informação seguinte, comportando, além das notícias que elle proprio obteve na direcção de Saint Quentin, as que lhe foram trazidas pelo sargento Ronyer, destacado em reconhecimento para Tuguy :

«Informação n.º 3

(Expedida ás 18 h. 15 de Ham).

I — Passei o Somme em Ham (grandes obstáculos em Ham).

II — Marchando na direcção de Saint Quentin, meu destacamento estacou deante de uma retroguarda inimiga de 2 companhias de cyclistas e 2 esquadrões de uhlans. Essa columna, vinda de Sancourt, se dirigia sobre Villers—Saint-Christophe.

Dei ordem de atacar o inimigo. Combate a pé do pelotão da vanguarda, que, pelo fogo

de seus F. M. e carabinas, surprehendeu o inimigo pelo flanco e o poz em desordem. O inimigo se firmou em Villers—Saint Christophe e no engenho de Aubigny. Em quanto isso, os dois outros pelotões do esquadrão, terminando sua passagem, foram enviados para a retaguarda e á direita do pelotão (já engajado) e reservados a cavalo.

Não pude transpôr Villers—Saint Christophe e Aubigny, que o inimigo evacuou ao cair da noite.

III — a) A cavallaria pôde passar em Estouilly (ponte e vão) ;

b) Pithon e Dury livres; Tugny mantida pelo inimigo ;

c) Uma bateria de 77 atira da ravina ao sul de Happencourt. Não tem grosso calibre. Continuarei a marcha para St. Quentin amanhã ao romper do dia».

(Continua)

O grupo de pontoneiros

Esforcado oficial da Cia. de Pontoneiros do 1.º B. E. redigiu excelente artigo, em que vem exposto lucidamente o resultado de sua apreciação pessoal, no exame comparativo das duas equipagens de ponte, lançadas no Rio Parahyba, em Jujuho e Julho últimos.

Não choverei no molhado. De resto, outros minuciosos informes figurariam, por certo, no relato que ao projecto comandante daquella Cia. terão aquelles exercícios oferecido largo ensejo de coordenar. Informes que, devidamente encaminhados, irão habilitar quem de direito a propôr a necessaria modificação na organisação da arma.

A composição actual dos B. E. é uma colcha de retalhos. Agrupam-se tres especialidades diferentes na mesma unidade administrativa e se lhes bitola de forma quasi uniforme o pessoal, a instrução e a satisfação dos pedidos.

Das tres especialidades, uma, pela propria localisação do quartel, não dispõe, geralmente, de campo apropriado ao desenvolvimento da sua instrução. Se a parada é proxima a um curso d'água, o corpo não tem efectivo. E se, acaso, as duas condições precedentes se conjugam, a Cia. de Pontoneiros não possue material.

Para a instrução do 1.º B. E. foi constituído, creio que em fins de 1920, um recurso improvisado, reprezando-se o Maranguá. Recurso commodo pela relativa proximidade, a 2 klm. do quartel. Mas o lançamento de pontões no açude de Deodoro equivalia a ensinar equitação em cavallo mecanico. Faltava o elemento essencial de vida, que facilita, impulsiona, anima o trabalho do pontoneiro : a correnteza.

A repreza do Maraguá — vallo collector de exgotos e de aguas pluviaes — permitiu ainda assim, supridas as faltas com o esforço dedicado dos officiaes, fornecer eleientar desbaste aos recrutas de 1921 e 1922. Avivaram-se, porém, as reclamações da Saúde Pública, condenando formalmente aquele viveiro de anophelinos. A natureza resolveu silenciosamente a questão, arrombando o açude, com as enchentes de Janeiro deste anno.

Tentamos reeucetar summaria barragem em outro ponto, á pequena distancia do quartel e chegamos a effectuar a limpeza das margens e alargamento do leito do arroio. Ainda interveio, solicita, a S. P. e o douto parecer dos nossos medicos militares apenas consentia ligeira solução accomodatícia, mediante a absoluta impermeabilização das margens e do fundo. Avaliem-se

trabalhos de pontes de circunstancia, enterrando estacas em leito cimentado.

Tivemos de abandonar a zona interditada. Rebatendo-nos sobre o littoral, buscamos em Itacurussá, praia propicia ao ensino de navegação e, realmente, os exames do 1.º periodo accusaram progresso. No 2.º periodo, seguindo a trilha já esboçada pelo meu illustre predecessor em 1921, o então coronel Leal, facilitei á Cia. de Pontoneiros ir acampar na Barra do Pirahy: o local, perfeitamente adequado, foi escolhido pelo capitão Bentes Monteiro, numa ilha do Paraíba.

Constituia parte do programma, realizar demonstração comparativa do rendimento e efficiencia dos dois tipos de equipagem de ponte entregues provisoriamente ao 1.º B. E.

Torna-se preciso, antes de proseguir, relatar a minha impressão inicial ao defrontar os pontões disseminados, ao sabor de abrigos precarios, pelos galpões de minha unidade e do Campo de Gericinó. Eis como eu me exprimia, em Janeiro do corrente anno:

«Achamo-nos congestionados com dois materiaes de pontoneiros. Um, modelo brasileiro, 25 viaturas, construção do nosso Arsenal, em meios pontões, typo que se assemelha á equipagem Delacroix para Cavalaria, porém mais reforçada. Impressiona favoravelmente. Ao espírito desprevenido e que conhece, por telas enfrentado, as asperezas e accidentes do nosso interior e das fronteiras, antecipa-se a probabilidade de que tal material, bem repartido em viaturas caminhões, pesando entre 1.900 a 2.000 kg., passará em nossas rudimentares estradas e chegará a destino. A solidez dos supports, a relativa facilidade de lançamento (o 1/2 pontão pesa 365 kg.) levam a esperar que esse material preencherá o seu fim: estabelecer uma passagem de 76 metros com via de 3 para Art. (viaturas atrelladas 2.500 kg.), ou uma pinguela de 130 m. para a Cav. e viaturas ligeiras (1.500 kg.).

Rendo merecida homenagem aos camara-das que projectaram esta equipagem e tenazmente dirigiram a sua execução, e ás officinas e operarios que a construiram, com os nossos elementares recursos. Tão raro conseguimos realizar o que se projecta em tal assumpto, que os esforços devem ser postos em destaque e não apoucados ou esquecidos.

«O material regulamentar francez (equipagem de C. de E.) ainda não se encontra todo em serviço, nem sequer me foi dado verificar se está completo. Subdivide-se em

dois grupos divisionarios e uma reserva e o numero total de viaturas deve alcançar 60. Ainda não retiramos do deposito do M. B. as que constituem o completo de equipagem divisionaria. Para o lançamento da ponte no lago de Deodoro, apenas se tornaram necessario 8 pontões e na parada de 7 de Setembro, tão sómente figuraram 9, pela razão já mencionada.

«O aspecto do material revela-se trabalhado. É mais pesado que o brasileiro, nem podia deixar de ser. Este destinava-se a suportar uma carga de 2500 kg., aquelle de 3500. Constituidos por barcos metálicos de 8,50 de comprimento, pesando 750 kg., a sua manobra exige homens robustos. As madeiras — vigotas e pranchões — apresentam-se empenadas e rachadas, o que surprende, sabendo-se o cuidado que preside aos cortes florestaes na Europa. Não se encontraria o mal sem remedio: facil a substituição dessas madeiras por outras, quicá mais leves e mais apropriadas.

«Os inconvenientes parecem residir no peso da viatura, jogos muito espaçados, exigidos pelo comprimento do barco (a viatura atrelada sobre 17 metros) e certa fraqueza na suspensão, a julgar pelos estragos produzidos por uma simples marcha como a da parada de Setembro.

«Não é, certamente, ainda uma opinião definitiva a que formulo. Sem idéa preconcebida, aceitamos docilmente as lições dos mestres, o que não nos priva de reflectir e comparar: o contrario seria abdicar da faculdade de raciocínio e principalmente de interesse pelo serviço e da consciencia profissional.

Esclarecida a composição actual do material de pontes de que dispomos, comprehende-se porque me prefixara a obrigação de os cotejar e do estudo, propor, sempre de acordo com a M. M. F. as bases de um novo typo, mais adoptável ao nosso meio.

Parecia-me conveniente, naquelle epocha, limitar a uma equipagem divisionaria a dotação do 1.º B. E.; nem era comprehensivel que se lhe atribuisse a equipagem de C. de Exº, sem a correspondente dotação em pessoal, animaes de tracção e demais recursos. Elucidava o assumpto com os dados seguintes:

Sem descer a pormenores, a equipagem divisionaria, modelo francez, necessita de 112 animaes de tracção e de montaria, e de 160 homens (effectivo fixado para a Cia. de Pontoneiros). A equipagem de C. de Exº

precisará de 250 animaes, duplicando o efectivo em homens. Por fim, a equipagem brasileira exige 196 animaes e 220 homens.

Em resumo, atendo-nos apenas a indicações geraes, o B. E. para aproveitar simultaneamente os dois materiaes existentes, parecia dever dispôr de 446 animaes e de 540 homens.

(Vem talvez a pello boquejar algo em assunto que se relaciona com a crise orçamentaria, estribillo forçado na explicação do retardamento de toda apparelhagem militar. Custom-nos a equipagem franceza, em 1919, segundo informes em que confio, cerca de 530 mil francos, quando esta moeda orçava por menos de 300 réis. Decompõe-se, como foi dito, essa equipagem em duas divisionarias, permittindo cada uma o lanço superior a 60 metros. Para a construcção dos pontões brasileiros, o Ministro Aguiar havia posto á disposição do Arsenal de Guerra o credito de cem contos, destinados á aquisição da materia prima : um calculo optimista não poderá orçar em menos da metade o custo da mão de obra).

O programma delineado para os exercícios no Parahyba foi realizado com extraordinaria vantagem : lucrou o pessoal e aproveitaram os officiaes. O treino foi ininterrupto, por mais de mez. Ao perfeito conhecimento do material francez, seguiu-se o exame comparativo da equipagem brasileira. Ambas têm vantagens e inconvenientes, como põe em destaque o Tenente Figueiredo.

Sem opinião preconcebida, na mais louvável intenção de acertar, podemos hoje preconisar um terceiro typo, que partilhe da excellencia evidente do modelo francez e que offereça as facilidades de transporte do typo brasileiro.

Mas, por enquanto, o que a experienzia aconselha, o estudo attento e a reflexão impõem, é o grupamento de todo o material disponivel numa só unidade, especialisada no lançamento das pontes de equipagem e na construcção das de circumstancias. As vantagens que já tive ensejo de, sumariamente expôr, parecem-me resumíveis nas seguintes :

a) uniformidade segura da instrucção. O treino com material identico, ou semelhante, despertará emulação proveitosa entre as sub-unidades ;

b) economia de material ; a demonstração normal de lançamento da ponte divisionaria poderá ser effectuada com o numero estricto de pontões ;

c) maior lanço, maior envergadura de operações consentindo pontes de dimensões mais avantajadas.

Ha, por fim, um capitulo da instrucção que os nossos escassos recursos e o fraco efectivo da Cia. de Pontoneiros não nos consentiu abordar de forma satisfactoria: a construcção, em larga escala, de pontes de circumstancia.

Tivemos a velleidade de realizar esse projecto, sobre o Parahyba (220 m) Tel-o-iamos executado se, em lugar de 120 pontoneiros, dispuzessemos do dobro ; e, apressamo-nos em accrescentar, do quantum indispensavel á aquisição da madeira precisa.

Salta aos olhos que o primeiro dos obices não existiria, para o Grupo de Pontoneiros.

Uma ultima questão se apresentaria, assentada a constituição da nova unidade : a da sua localisação. Duas paradas se nos antolham, ambas preenchendo os requisitos exigidos, ambas satisfazendo os desiderata, embora em desigual escala : Quitaúna, ribeirinho do Tieté, que ahí mede cerca de 80 metros ; Cachoeira, á margem do Jacuhy, que no passo do Seringa orça entre 120 a 150 metros.

A parada no Rio Grande do Sul parece attender de forma mais directa ás necessidades da defesa nacional, collocando á mão o material previsto numa eventual mobilisaçao. Mas, em epocha normal, o Grupo permanecerá provavelmente sempre desprovido de officiaes, de pessoal e de recursos. Longe dos olhos, longe do coração, é dictado que se não applica sómente a assumpto sentimental.

O aquartelamento em Quitaúna permitiria mais seguro estudo do novo typo a construir ; a cooperacão assidua da M. M. F., o amparo de seus proveitosos conselhos, o bafejo acalentador das altas autoridades ; a participacão nas manobras de duas Regiões e, mercê da facilidade de transportes paulistas, o treino em diversos cursos d'água, de leito e regimenes diferentes.

Julgamos haver contribuido, esforçada e sinceramente, ao surto da iéa que já encontramos em marcha. Não devemos preocu-par-nos exageradamente com a epocha de sua realização : o que tiver de ser feito, sei-o-á, a despeito de tudo, por nós, ou pelos que nos succederem, no momento opportuno.

CORONEL MALAN
Commandante do 1.º B. E.

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

BATALHA DE TUYUTY

A 19 de Maio de 1866, ficára assentado em conferencia realisada pelos generaes aliados que a 20 se tomaria a offensiva contra o adversario.

De facto, pelas 5 horas da madrugada de 20, deixando as posições ocupadas em Estero Bellaco, os aliados iniciaram o avanço, rechassando de saída os piquetes avançados e a propria vanguarda dos paraguayos, localizada no areal denominado Tuyuty, comprehendido entre a lagôa Pires e uma extensa floresta de jatahys.

Pouco além, a uns 2 kilometros proximamente, estava o Sauce, tendo á sua esquerda e um pouco ao sul o extenso banhado do Estero Rojas.

Em pouco tempo, os exercitos se defrontaram.

As tropas brasileiras, sob o commando do general Osorio, ocuparam o centro e a esquerda da linha; á direita, o exercito argentino, sob o commando directo do general Mitre; um pouco avançados, o general Flores, com a divisão oriental, a 6.^a divisão brasileira do general Victorino Monteiro, o 1.^o regimento de artilharia a cavallo, com 24 peças, e 1 bateria oriental de 6 peças.

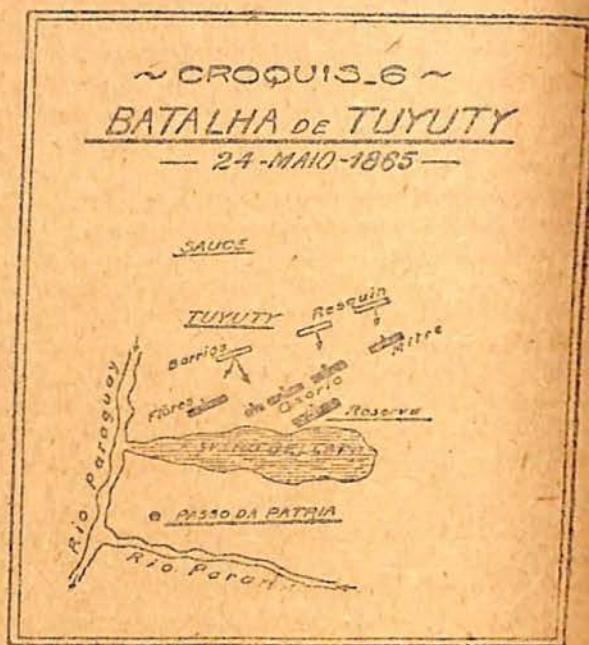
Esses 30 canhões da vanguarda, sob o commando do tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, foram collocados em trincheiras improvisadas, enquanto que o restante da artilharia foi dividido pela direita, centro e esquerda da liuha.

A 23, o coronel Bello, commandante da 5.^a brigada, procedeu a um reconhecimento offensivo, com o 3.^o e 4.^o batalhões de infanteria e 12 peças, ficando assentado que o ataque geral seria feito no dia immediato, após novo reconhecimento, que seria executado ás 2 horas da tarde.

Entretanto, ao meio-dia de 24, quando os aliados ainda não se achavam preparados para o avanço, nova surpresa dos paraguayos fez-se sentir.

Das mattas fronteiras surgiram de improviso e de varios pontos tropas inimigas, atacando rapida e violentamente os aliados, vindo á frente dos atacantes a elite da officialidade paraguaya.

Correndo a postos, os aliados travaram encarniçado combate.



O 1.^o de artilharia e parte do 3.^o, na esquerda, receberam o choque de 10 batalhões de infantaria, 4 regimentos de cavalaria e 6 peças, ás ordens do coronel Barrios, sendo em parte rechassados até Estero Bellaco.

Os batalhões orientaes *Libertad* e *Independencia*, apanhados de surpresa, fugiram desordenadamente, cahindo morto o commandante do primeiro e ferido o do segundo delles.

Nesse momento, ficaram as tropas do general Osorio com o flanco esquerdo descoberto, mas nem por isso desanimou o general.

Auxiliado pelo general Sampaio, impelliu seus batalhões, em formidável carga, contra as massas formidaveis do adversario, conseguindo rechassal-as mediante carnificina horrivel, enquanto a artilharia do coronel Mallet se multiplicava prodigiosamente nos disparos, ceifando tudo quanto se lhe defrontava.

O general Resquin, á frente de 2 batalhões de infantaria e 8 regimentos de cavalaria, investiu furiosamente contra o centro dos

aliados, mas o general Osorio ahi surgiu pouco depois e estacou a massa desordenada do adversario, que, afinal, foi rechassado ainda dessa vez.

Na direita da linha, os argentinos perderam terreno, sob a pressão terrível do adversario, que supreendêra e derrotára sua cavalaria, e já os paraguayos se haviam apoderado da artilharia quando o general Paúnero, surgindo com suas tropas, a retomou em luta tremenda.

Apezar disso, o general Osorio, percebendo ainda perigosa a situação da direita, para ahi avançou como um vulcão, os argentinos o recebendo entre vivas e hurras frenéticos.

Os paraguayos arrojaram-se contra os 500 cavallermanos que ainda dispunham das suas montadas, mas a 2.^a, 4.^a e 5.^a divisões de cavalaria, mesmo a pé, como já estavam, sustentaram, de lança em punho e com inaudita galhardia, a terrível peleja, enquanto o general Netto, á frente de sua pequena brigada ligeira, abria profundos claros nas fileiras inimigas.

Dessa brigada, 1 esquadrão composto só de officiaes, em numero de 200, tendo á sua frente o proprio general Netto, fez verdadeiros prodígios, rechassando o inimigo com a violencia de um cyclone!

A lucta, porém, proseguiu accesa. Em Potreiro Pires, na extrema esquerda brasileira, o general Andréa sustentou com sua artilharia um formidavel duello com a artilharia adversaria, os paraguayos renovando o ataque nesse ponto com sua cavalaria e infantaria, mas, quando começaram a ganhar terreno, ahi surgiu o bravo general Osorio, suas tropas de novo abrindo caminho á victoria dos aliados.

A estreiteza do terreno não permitiu o engajamento de todas as tropas aliadas, que conservaram grandes reservas, ao passo que o adversario já havia exgotado as suas.

O exercito paraguayo foi, então, cortado em duas fracções.

O general Osorio avançou com o centro e a esquerda, auxiliado em seguida pela direita e pela vanguarda, e o inimigo foi completamente derrotado, refugiando-se os seus destroços nas mattas e banhados existentes.

Nessa terrível accão, deixaram os paraguayos no campo de batalha — 13.000 mortos, 500 prisioneiros, 5.000 espingardas, varias bandeiras e grande quantidade de munições.

Tiveram os aliados fóra de combate —

3.011 brasileiros, 606 argentinos e 296 uruguayos.

Tomaram parte nessa accão 20.000 aliados e 25.000 paraguayos.

Morreu ahi o general Sampaio, vítima de ferimentos recebidos.

Durante a batalha, o dictador Solano Lopez esteve sempre a 1 legua de distancia, em um capão, entre Passo Fernandez e Rojas (*Historia do Paraguay* — J. B. Bormann).

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — A insuficiencia ou mesmo ausencia do serviço de segurança nas linhas aliadas foi a causa da surpresa em que foram apanhadas pelos paraguayos, mal tendo tempo de entrarem em formação de batalha.

Isso representa uma falta gravissima do commando, se bem que redimida em parte pela bravura extrema do general Osorio e suas tropas, cuja energia evitou que fossem os aliados completamente derrotados.

Entretanto, essa exemplar conducta revelada em toda a batalha não destrói a falta, que foi gravissima e é passível da mais rigorosa censura.

Em vespera de uma accão cuja importancia era de prever e nas visinhanças do adversario, não se comprehende como os aliados se conservassem assim desprevenidos, descobertos e ás escuras, principalmente sabendo elles de sobrejo a quanto montava a audacia paraguaya.

De facto, as tropas orientaes e argentinas, supreendidas de forma indesculpável, foram rechassadas, fugindo espavoridas, em consequencia da absoluta ausencia de segurança em que se achavam, e, se não fôra a bravura e o reforço opportuno trazido pelo general Osorio, teriam sido victimas da mais lamentavel derrota.

O general Bartholomeu Mitre, o maior responsável por isso, mais uma vez demonstrou sua inaptidão para o commando e o perigo a que estavam expostas as tropas em má hora collocadas sob sua direcção.

Entretanto, nem por isso ficam isentos de culpa os demais chefes. Elles deveriam ter suprido as faltas do alto commando, conhecido havia muito pela morosidade em suas decisões, agindo sempre subordinado e em virtude de contingências em que se via, mas nunca tendo um plano, um projecto, uma

ída que demonstrasse possuir as qualidades necessárias à importância da missão que lhe cabia e cujas responsabilidades avultavam.

Assim foi que, disporo de grandes reservas, o general Mitre esqueceu-se completamente da missão que lhe competia, deixando-as inactivas, enquanto as demais tropas se exauriam em combates encarniçados, dirigidos sem arte, simplesmente frontaes, fóra, portanto, de tudo quanto preceitúa a estratégia e ordenam as mais comensinhas regras da tática.

E' justamente no emprego judicioso das reservas que está quasi toda a ciência do general em chefe, como é sabido, mas o general Mitre parece que isso ignorava.

Dahi o facto da batalha se haver desenvolvido em uma série desordenada de acções parciaes, sem ligação, sem harmonia, sem objectivo definido, cabendo exclusivamente á bravura, protegida pelo acaso, a solução do feito.

Paraguayos — Os paraguayos, tão bravos quanto audazes nas surpresas e escaramuças, resentiam-se sempre de uma direcção inteligente quando se tratava de operações de certo vulto, quasi sempre se limitando a acções violentas, mas puramente frontaes.

A idéa de manobra só excepcionalmente lhes acudia ao espirito.

De facto, atacando com violencia e simultaneamente as duas alas aliadas, conseguiram recalcar-as, desequilibrando-as mesmo, mas nem assim se aproveitaram das vantagens decorrentes para envolverem o centro ou mesmo a ala esquerda, que se achou repentinamente no ar, sem apoio, em situação assás precaria.

Atacando como que a esmo, sem um plano intelligentemente preconcebido, acabaram por deixarem-se cortar em duas partes, sendo batidos afinal separadamente, como era logico.

A consequencia disso foi mais um fracasso a registrar-se para as tropas do marechal Lopez, sempre na contingencia de um recuo successivo e depois de graves sacrifícios.

A situação desprevenida em que se encontravam os aliados no momento do ataque, permitia ao inimigo um successo real e positivo, se elle não dispusesse apenas, como dispunha, de bravos commandantes, aos quaes apenas sorria o ideal da victoria a golpes de bravura e de ousadia.

(Continúa)

Cap. NILO VAL

Cavacos profissionaes

I V

A verificação de justeza no exercito francez (1)

No exercito francez tambem se procede á verificação de justeza do seu armamento — fuzis, mosquetões e armas automaticas:

- a) — quando no «tiro de instrucção» as armas apresentam resultados insuficientes, independentemente do atirador e de outros motivos previstos;
- b) — quando as armas entram novas para o serviço, e
- c) — quando as armas voltam de algum concerto.

*

Embora terem os seus fuzis e mosquetões qualidades balísticas inferiores ás do nosso fuzil e mosquetão, as suas exigencias — quanto á precisão —, dessa prova, só apparentemente são mais folgadas ou tolerantes

que as identicas nossas, como concluir-se-á da leitura attenciosa e comparativa do que vamos, imediatamente abaixo, quasi que litteralmente traduzir de algumas páginas da publicação referida com o que se contém — a respeito — no nosso R. T. I. e dados balísticos fornecidos pela nossa «Descripção e Nomenclatura do Fuzil Mauser, 1908».

*

Na verificação de justeza dos francezes, em que os fuzis e mosquetões atiram tambem apoiados e as armas automaticas sobre os seus reparos, os resultados obtidos depois de uma serie de 10 tiros, a 250 metros de um

(1) Páginas 181 e 182 das — Instruções provisórias sobre a prática do tiro — publicação oficial franceza, já citada por nós

alvo de 2 metros por 2 metros, quadriculado em decimetros, são comparados, os resultados, com o da arma — tipo (de que dispõem os corpos de tropa para essas provas.)

*

As condições satisfeitas pela arma — tipo é que não encontramos nas publicações francesas ao nosso alcance, nas livrarias d'aqui; mas, a julgar pelos dados do Quadro VI, pagina 211 da obra citada, para os fuzis 1916 e 86-93, de $\frac{V}{25} = 690$ metros, atirando com a munição empregada na instrução da tropa, o *rectangulo de precisão*, certo que o maximo tolerável, a 250 metros, é de 29 centimetros (altura) por 27 centimetros (largura), de armas novas em apoio e atirando por atiradores excellentes.

Da regulação, isto é, da distancia do ponto medio do grupamento ao ponto visado, — da

arma-tipo —, as mesmas publicações não nos forneceram senão :

Toda arma cujo grupamento possa estar comprehendido em um rectangulo de dimensões duplas das do da arma-tipo, ou que, à distancia de 250 metros, der um grupamento cuja posição do ponto-medio diffira de mais de 35 centímetros da posição do ponto-medio dado pela arma-tipo, deve ser concertada ou substituida.

Rio — Julho.

CAP. FRANCISCO JOSÉ DUTRA

NOTA — O nosso III artigo, o immediatamente anterior a este, já estava paginado quando foi publicado que o calibre maximo tolerável do fuzil 1908 fôr levado para 7m/m,08 (sete milímetros e oito centesimos do milímetro). Sobre esta providencia, a nosso ver ainda incompleta para o que, provavelmente, se tem em vista, brevemente nos externaremos, tão somente com o intuito de levarmos, — fraco e humilde operário «trouper» praticante — mais uma pedrinha á construção da defesa nacional.

DA PROVINCIA

CONCURSO DE TIRO DE F. M.

O dia 24 de Maio foi solemnizado no 2.^º R. C. D. com uma festa militar muito interessante. Das diferentes partes do programma, salientaram-se dois concursos de saltos de obstaculos, um disputado por officiaes, outro por sargentos. Foi uma bella inauguração da pista coronel Franco Ferreira, uma das mais completas que possumos e que muito honra o grande entusiasmo com que a organizaram os tenentes Oswaldo de Carvalho e Celso Velloso.

Como commandante de esquadrão, trouxe meu contingente á solemnidade, organizando um concurso de tiro de fuzil metralhador, disputado pelos sargentos do meu commando. E, como este foi o primeiro torneio desse genero effectuado na Segunda Região Militar, ouso tornar conhecido de meus collegas o modo por que procedi e o resultado obtido.

A ausencia de instruções officiaes relativas ao tiro com o fuzil metralhador Madsen e a impericia dos sargentos que o manejavam (como eu, neophitos no emprego da arma), criaram a principio certas dificuldades.

Entretanto, a boa vontade dos concorrentes e preciosas indicações colhidas na *Instruction du tir du Fusil Mitailleuse*, que nos foi gentilmente oferecido pelo official dinamarquez que nos trouxe o fuzil, permitiram-me estabelecer as seguintes condições para o concurso :

1.^a — Concorrerão, obrigatoriamente, todos os sargentos do 4.^º Esquadrão.

2.^a — Alvo T. I. 400^m. Distancia conhecida 400^m. Posição do atirador, deitado.

3.^a — A marcação dos pontos será por zonas attingidas e a cada impacto em silhueta corresponderá mais um ponto.

4.^a — Na execução do tiro serão observadas as seguintes regras :

a) A um signal de apito, o concurrente indicado chegará ao posto de tiro com o F. M. na posição de «descançar»; em seguida deitará, assestará a arma, carregará e executará o tiro continuo e o ultimo disparo; feito isto, levantaré, repousará a arma e, dirigindo-se ao fiscal do tiro, dirá — «Prompto». Todos os movimentos serão executados sem commando ;

b) Os carregadores estarão juntos á posição de tiro, carregados com 25 cartuchos;

c) O tiro será executado em uma unica rajada, em duas ou no maximo em tres;

d) Do signal de apito dado pelo fiscal á communicação «prompto» do atirador, devorará o tempo maximo de *dois minutos*;

e) A arma será examinada por um dos fiscaes, antes e depois de cada tiro, para que não haja embaraço no manejo ao ser utilisada.

5.^a — Junto ao alvo ficará um official com duas praças. O official fará comunicar os resultados do tiro por meio de signaes de bandeiras e assigualará em uma miniatura do alvo, os impactos de cada concurrente.

No posto de tiro permanecerão dois fiscaes, um delles incumbido de tomar o tempo que cada concurrente consumir; o outro, de fiscalizar o manejo da arma.

6.^a — Cada *cinco segundos* que exceder do tempo maximo referido no n. 4, letra d, importará em perda de *um ponto* na apreciação dos tiros.

7.^a — Serão desclassificados os concurrentes que, por impericia manifesta, não executarem o tiro e os que não conseguirem fazer nenhum impacto no alvo.

8.^a — Será considerado vencedor o concurrente que obtiver maior numero de pontos computados nas condições dos ns. 4 e 6. Em caso de empate, haverá mais uma série de 5 tiros para cada um dos concurrentes que tiverem alcançado o mesmo numero de pontos.

O resultado obtido, força é confessal-o, ficou á quem do que permite a precisão da arma e aquem do que esperavamos.

Obteve o primeiro logar e conquistou o premio instituido, o 1.^º sargento Maximino dos Anjos Pessôa, com dois impactos nas silhuetas e dois na zona 3, sommando um total de 13 pontos.

Um outro concorrente (sargento Aristides dos Santos) feriu o alvo com 8 tiros, mas não se subordinou ás condições impostas, pois fez os disparos em 5 séries, tirando á arma sua principal virtude e transformando-a de certo modo em fuzil ou mosquetão.

E, ao darmos conta desse nosso primeiro ensaio, temos o prazer de dizer que elle não foi improficio, pois daqui a dois mezes nosso regimento realizará novo concurso, com distancia apreciada á vista e corrigida com o proprio tiro do F. M. e com exigencias mais rigorosas quanto ao tempo consagrado á ocupação da posição, abertura do fogo e realização dos tiros de efficacia. Conforme determinou nosso Commandante, a elle concorrerão, depois de uma prova eliminatoria, todos os fuzileiros atiradores e cabos fuzileiros.

Lastima é que estejamos em situação bem difícil pela contingencia de economizar munição e mais ainda pelo numero exiguo de F. M. distribuidos aos esquadriões.

E, confessemol-o, para gaudio dos nossos soldados, não são pequenos o entusiasmo e a dedicacão dos que se vão familiarisando com esta preciosa arma.

Capitão V. BENICIO

Aquelles que contam desalojar o inimigo apenas pelo fogo se enganam redondamente, mas é um erro não menos grave querer abordar á bayoneta uma infanteria intacta — *J. Colin*.

Napoleão procurava reunir suas forças *antes* da batalha. Moltke procurava reunil-as *sobre ou na* batalha.

A doutrina capaz de conduzir ao successo é a da *offensiva*. Só ella permittirá que se imponha a vontade ao adversario.

OS THEMAS DA MISSÃO

(CONTINUAÇÃO.)

2.º Exército

1.º D. I Q. G. em S. Rita, 14 (quatorze) de maio
Estado-Maior 20 (vinte) horas.

3.ª Secção

ORDEM PARA A LIGAÇÃO E AS TRANSMISSÕES

(Operações do dia 15)

I - Meios de informação:

a) Agentes de ligação do Commando:

Um oficial da 2.ª Secção permanecerá junto ao P.C. da 1.ª D. I. a partir das 5 horas, como agente de ligação.

P. C. do Comte da D.: Monte Itatiaya.

P. O. » » » » »

P. C. » « » A. D. » »

P. C. » » 2.ª Bda.: cruzamento de caminhos 2 kms. a S. O. da Faz. S. Maria.

P. C. do Comte. da 1.ª Bda.: Fazenda S. Maria.

II - Meios de transmissão:

a) Telephone.

A Companhia de Transmissão estabelecerá a rede.

Os centraes das brigadas de infantaria estarão abertos ás 5 horas.

b) T. S. F. Rêde a realizar pela Companhia de Transmissão, desde as 5 horas.

c) Indicativos e comprimentos de ondas:

P. C. da 1.ª D. I..... S. 2 900

P. C. da 1.ª Bda..... S. S. 250

P. C. da 2.ª Bda..... S. d. 200

d) Paineis.

De identificação do P. C. da D. I. para recepção das mensagens lastradas:

e) Os aviões de reconhecimento serão reconhecidos por duas flanelas encarnadas.

III - Códigos:

Código telephonico n. 25.

P. A.

Cel. B.

Chefe do E. M.

Comt. da 1.ª D. I.
General A.

Ordens particulares dadas aos Chefes de serviços na noite de 14 para 15 e na manhã de 15:

Ao Chefe do Serviço de Engenharia:

Fazei passar para a margem N do Rio Claro os 2.º escalões do T. C. e do Q. G.

P. O.

Cel. B.

Chefe do Estado Maior.

Ao Chefe do Serviço de Saúde:

Podeis instalar em S. Rita uma ambulância ordinária e uma cirúrgica.

2 Companhias do Regimento de Trabalhadores são postas á vossa disposição para auxiliar o G. P. D. no transporte de feridos.

P. O. Cel. B.

Ao Chefe do Serviço de Engenharia:

Mandae construir imediatamente ao S. de Moenda uma ponte que possa suportar artilharia pesada, em J. Presinho uma ponte de equipagem e ao S. de Evaristo uma de circunstância.

P. O. Cel. B.
Chefe do E. M.

Na parte telegraphica do Comt. da Divisão ao Comt. do 2.º Exército, além de dar o numero de feridos, de prisioneiros, etc., deu também qual tinha sido o consumo medio de munição nos combates em que a Divisão esteve empenhada. E depois pediu que, dada a missão de que estava incumbida a sua Divisão, conviria que sua munição fosse aumentada de mais 1/2 dia de fogo.

Boletim de informações sobre o inimigo.

A Divisão de Cavalaria inimiga que estava na região de S. Rita retirou-se, batida, para o N. do Rib. das Pombas. Pelos prisioneiros feitos constatou-se que, além das unidades já mencionadas, haveria um grupo do 5.º R. A. C.

Duas Divisões de infantaria inimigas, depois de uma grande marcha, atingiram Rocinha e Cachoeirinha, com as suas respectivas vanguardas; mas a Leste uma Brigada mixta chegou à região de S. Pedro; fracções pouco importantes de cavalaria estão sobre a via ferrea, de Correjo Fundo á Estação Faveiro.

Continua.

CAP. BENTES MONTEIRO,

FACTOS & NOTAS

REVISTA DO INSTITUTO DOS DOCENTES MILITARES

Reiniciou sua publicação essa apreciada revista, cujo n. 1 da 2.^a phase apareceu a 14 do passado, sob a direcção do ilustrado coronel Dr. Joaquim Marques da Cunha, auxiliado por um grupo selecto de officiaes de terra e mar pertencentes ao magisterio militar. E' mais um orgão notável que virá bater-se pelo engrandecimento do paiz e ao qual apresentamos as nossas mais cordiaes saudações.

LEGISLAÇÃO E ORGANISACÃO MILITAR DA REPUBLICA ARGENTINA

Da Revista Militar n. 17, de Maio, da Bolívia, extrahimos a seguinte noticia: « O actual ministro da guerra encarregou um certo numero de officiaes competentes do estudo detalhado das leis e regulamentos em vigencia, para que, á vista dos defeitos que notarem e das linhas geraes por elles prescriptas, apresentem um projecto de reformas, de acordo com os acontecimentos modernos e os resultados obtidos com o desenvolvimento do exercito argentino. »

Parece que esses trabalhos chegaram a seu termo e que serão apresentados ao Legislativo tão depressa quanto possível. O que mereceu a principal atenção nessas reformas foi a lei de quadros e accessos, a qual parece que contém detalhes que asseguram a perfeita selecção dos que mereçam passar aos graus superiores, evitando ao mesmo tempo toda injustiça e postergação iudebitas.

A « Lei organica do Exercito » se acha integralmente contemplada nessas reformas.

Ante as numerosas exigencias, os novos methodos e a complexidade do armamento moderno, será modificada completamente a organização das unidades combatentes e au-

xiliares, de acordo com as ultimas lições da grande guerra e sua adaptação ao meio ; a escassez da officialidade subalterna obriga a levar a cabo essa inovação em 4 annos, tempo considerado como suficiente para alcançar um apreciavel numero de officiaes que até então sahirão do Collegio Militar.

Uma consequencia desse projecto é a supressão da polícia rural, organisando-se, em seu lugar, a gendarmeria volante, cujos quadros, intrucção e organisação serão subordinados ao Ministerio da Guerra.

A lei do serviço obrigatorio sofrerá tambem as necessarias modificações para aumentar o numero dos instruidos annualmente. O exercito argentino consta actualmente de 7.000 homens a mais do que no anno passado.

Anunciam-se importantes viagens de Estado-Maior, em que tomarão parte muitos generaes e altos chefes do Exercito, com o fim de estudar se e deduzir-se o criterio militar de uma possivel campanha com o Brasil, cuja fronteira é objecto de importantes estudos ».

BAIXAS NA GUERRA EUROPE'A

Segundo dados officiaes, o Exercito norte-americano sofreu as seguintes baixas em relação ao efectivo de Novembro de 1891 :

	Officiaes %	Praças %
Infantaria	50,7	84,7
Batalhão de Metralhadoras	31,1	28,0
Tropas de gazes	9,1	13,3
Corpos de tanque	8,8	4,1
Artilharia de Campanha	8,4	5,6
Aeronauticas	8,0	1,0
Engenheiros	5,5	4,1
Corpos de signaleiros	4,0	6,1
Artilharia ante-aerea	2,7	2,0
Saúde	1,6	1,2
Cavallaria	1,6	5,0
Trens de munições	2,5	1,8

MORTEIRO DE ACOMPANHAMENTO JOUHANDEAU-DESLANDES

A infantaria francesa recebeu há pouco este novo armamento, em substituição ao morteiro Stockes. Seus característicos são (modelo ligeiro):

Dispara três espécies de projéctis: granada, pesando 3.200 grs. e contendo 900 grs. de melinite; granada de 3.750 grs., com 1.250 grs. de melinite; granada incendiária, granada fumígena.

A carga de projeção se compõe de um elemento fundamental e de outros adicionais, podendo-se obter 4 velocidades iniciais diferentes.

O alcance máximo da granada menor é de 1.300 metros; a rapidez do tiro é de 8 a 10 por minuto.

Peso do morteiro: 46 kgs., sendo transportado em duas cargas, por 2 soldados.

Um homem pode transportar 7 ou 8 projéctis, além do seu equipamento.

Longe do inimigo, o morteiro pode ser transportado em um carro leve, ou em cagueiro, bastando 4 muares para o transporte de 1 peça com 100 tiros.

Há dois outros tipos: tipo médio, 105 kgs., para montanha, e tipo pesado, 200 kgs.

Cada companhia dispõe de 2 morteiros.

ARMA DE AERONAUTICA

A França creou a arma de aeronautica por lei recente, com organização autónoma.

Provisoriamente, os quadros da nova arma se formarão com os officiaes actualmente destacados na aeronautica, o acesso passando a realizar-se dentro da arma.

DESPESA COM A CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

Segundo diz a Encyclopédia Americana:

Os Estados Unidos gastaram 22.625 milhões de dollars; a Inglaterra, 44.030; a

França, 36.400; a Russia, 25.594; a Belgica 1.000; a Italia, 12.414; o Japão, 4; a Rumania, 1.600; a Servia, 399 1/2; o Brasil, Portugal, China, Panamá, Honduras, Haiti, Siberia, Nicaragua, Montenegro e São 500.

ARTILHARIA ANTE-AEREA

A artilharia ante-aérea do Exército Francês comprehende:

4 regimentos estacionados na França; 1 reg. como exercito de ocupação do Reno; 1 destacamento de projectores em Marrocos.

Os regimentos que estão na França se compõem de:

A—1 estado-maior de regimento;

B—1 pelotão de estado-maior, comprendendo também 1 secção regimental de ensino de automóvel e 1 de reparação de projectores.

C—1 batalhão com 4 baterias moveis;

D—1 batalhão mixto, que comprehende:
a) 2 baterias moveis;
b) 3 canhões em plataforma.

E—1 batalhão mixto, que comprehende:
a) 2 companhias de projectores;
b) 1 companhia de aeronautas, metralhadores e peritos na arte de *camouflage*.

O 3.^o regimento tem um batalhão mixto supplementar.

O regimento que se encontra na Alemanha comprehende, além de A e B, 4 batalhões de 2 baterias moveis cada um e 1 companhia de projectores.

E' o seguinte o quadro superior de 1 regimento: 1 coronel, 1 tenente-coronel, 3 maiores, 1 cirurgião, 1 capitão encarregado da instrução, 2 capitães ou tenentes ajudantes, 1 capitão encarregado do parque, 1 capitão encarregado da mobilização e do pessoal contractado, 1 capitão contador, 1 capitão encarregado do material. Ao todo—13.

ATHLETISMO

Itá — De acordo com o «Reg. da Liga dos Desportos no Exercito», teve lugar aqui no 4.^o R. A. M., a 24 de Maio passado, uma competição de athletismo, a chamada Festa do Soldado.

Foi a 2.^a do anno e seus resultados salientaram os progressos dos jovens soldados neste importante ramo de instrucção.

Do programma constavam corridas de 100 mts., 200, 400, 800, 1.500, 4 x 100, 4 x 400, natação (60 mts.), saltos em altura e extensão, lançamento de peso, cabo de guerra, e não houve uma só prova em que não fosse sensivel o adeantamento verificado.

ESPECIE DA PROVA	RESULTADO	PROGRESSO
Corrida de 100 mts.	12 s.	3/5 de s.
" 200 "	24 8/5
" 400 "	59	4
" 800 "	2m,225	3 1/5
" 1.500 "	4,55	12 2/5
" 4x100 "	52 1/5	2 4/5
" 4x400 "	4. 8 1/5	6 3/5
Natação (60 mts.)	51	1 1/5
Saltos em extensão	5,55	0m,24
" altura	1m,58	0,11
Lançamento de peso	10.76	1,12

O progresso constatado reporta-se ás provas de 20 de Janeiro ultimo, anniversario da fundação do Regimento, torneio em que se disputou a taça - Cap. Raul ».

Pelos sargentos, em numero de 10, foi disputado o «Pentathlon Militar», com a variante da esgrima substituída pelo arremesso de peso, os resultados sendo mais satisfatórios, principalmente tendo-se em vista a circunstancia de pela 1.^a vez ser disputada uma prova assim.

Como resultado geral, sahiram vencedores em 1.^a logar a 1.^a e 5.^a baterias, cada uma com tres primeiros logares 2 segundos e 2 terceiros; em 3.^a logar a 6.^a bateria, com 3 primeiros logares, 1 segundo e 1 terceiro; em 4.^a logar a 2.^a bateria, empatando em 5.^a logar a 3.^a e 4.^a baterias.

O 1.^o grupo venceu o cabo de guerra, renhida-disputado.

No total, fomaram parte na Festa do Soldado 227 soldados e 10 sargentos, além de 10 officiaes que na tarde de 24 de Maio disputaram o Concurso Hippico promovido pelo Hippophilo Club.

Para a proxima competição devem figurar os lançamentos do disco, dardo, granada e possivelmente do martello, salto com vara, corrida de 1.500

mts. e de barreiras; e talvez um match de Water-polo entre os grupos.

O Campeonato Regimental de Foot-Ball teve inicio no domingo ultimo, 28 de Maio. Sete teams, 6 das bias e 1 do E. M. R., disputaram o Torneio Initium, do qual sahio vencedora a 2.^a bateria, seguida da 1.^a.

Cada bateria deu aos seus vencedores das provas de 24 de Maio, com as suas economias, premios de animação; o Regimento offereceu o bronze para o Torneio Initium e a Taça para o Campeonato Regimental de Foot-Ball, além de 1 medalha de ouro ao sargento vencedor do Pentathlon.

Os officiaes pretendem, logo que seja possivel e dependendo de prévio accordo, além da necessaria autorisação, disputar com seus collegas da Região matchs de foot-ball, tennis, water-polo, etc.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

Medicina Militar (Rio) — Abril e Maio.

Hoje (Rio) — Ns. 220 e 221.

O Marujo (Rio) — N. 23.

Revista del Círculo Militar (Perú) — Março.

Revista de Medicina e Hygiene Militar — Março.

Revista Maritima Brasileira (Rio) — Abril.

Boletim do Exercito — N. 1 — 1923.

Revista Militar (B. Ayres) — Maio.

Revista del Ejercito y de la Marina (Mexico) — Março.

Memorial del Ejercito de Columbia — Março.

Manual de Infanteria (Hespanha) — Maio.

Union Ibero-Americanana (Hespanha) — Abril.

Revista Militar (Bolivia) — Maio.

Memorial del Ejercito (Chile) — Junho.

PAGINAS PERDIDAS

Por Alves Cerqueira, do Corpo de Saúde do Exercito.

E' um bello opusculo, em que o auctor reune uma série de artigos, alguns já editados anteriormente, sobre questões que dizem respeito á organização sanitaria do Exercito.

Nesse novo trabalho dado á publicidade, o

seu distinto auctor confirma de modo positivo as suas qualidades de escriptor de elite e profissional emerito que é.

Muito gratos pelo exemplar enviado.

A GUERRA DO BRASIL COM A REPUBLICA ARGENTINA EM 1827 E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

Por Amilcar Salgado dos Santos

Obra volumosa, em que o distinto auctor aborda com elevação de vistas e á luz de preciosos documentos os incidentes de que trata o livro.

O 1.^o tenente Salgado, auctor de outros trabalhos congeneres, ainda neste se revela um infatigavel trabalhador e um patriota de escóol.

Muito gratos pela remessa de um exemplar.

Todos os ataques sem profundidade que nós conhecemos nas guerras recentes têm fracassado. — *Grandmaison*.

*

Foi na escola de Guibert, Teil e Bourcet que Napoleão se formou. — *Von Caemmerer*.

Expediente

São nossos agentes de annuncios nesti Capital o 1.^o sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.^o sargento Mariano Alcides de Castro, que estão auctorizados a receberem as importancias relativas aos referidos annuncios.

As difficultades com que lucta a Defesa Nacional, em virtude do augmento extraordinario do preço do papel e da mão de obra, leva-nos á contingencia de suprimir algumas assignaturas gratuitas e pedir aos nossos presados representantes a fineza de regularisarem quanto possivel as cobranças, com o que nos prestarão mais um inestimável auxilio.

ANNUNCIOS

Preços por semestre :

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetições (por semestre)

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	10\$000

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de comunicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da República n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aqueles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte:

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são:

- 1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias;
- 2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

SOCIETÁ RIUNITE FLORIO, RUBATTINO E LLOYD ITALIANO

O rapido e luxuoso Paquete

“GIULIO CESARE”



SAHIRÁ PARA GENOVA EM 12 DE NOVEMBRO

27.000 Toneladas - Comprimento 200 metros - Quatro helices

—
AGENTES GERAES

“Italia — America”

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS

São Paulo

Rio de Janeiro

Santos

Rua Alvaro Penteado, 43 * Avenida Rio Branco, 2, 4 e 6 * Praça da Republica, 26

Casa Mattos

Cereais — Molhados — Ferragens

Líquidos e Comestíveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA
Instrucción e Exercicio
DAS
Tropas de Saude em
tempo de paz

por
ALVES CERQUEIRA

Preço : 5\$000

Pelo correio mais 500 réis

LIVRARIA « ALVES »

Rua do Ouvidor, 166

CURSO FREYCINET

DIURNO E NOCTURNO — FUNDADO EM 1910

Curso de preparatorios — para os exames finais de preparatorios no Collegio Pedro II ;

Curso Vestibular — para os exames vestibulares nas Escolas Superiores ;

Curso de Admissão — para a matrícula nos primeiro, segundo e terceiro annos do Collegio Militar, no primeiro anno do Collegio Pedro II e da Escola Normal ;

Curso Complementar — para habilitar à matrícula no Curso de Preparatorios ;

Curso Superior — para o estudo das matérias ensinadas nas Escolas Superiores ;

Curso Normal — para o estudo das matérias ensinadas na Escola Normal ;

Curso de Revisão — para os exames de Segunda época no Collegio Pedro II e em outros Estabelecimentos de Ensino ;

Curso Comercial — para habilitar ao desempenho de qualquer cargo nos Estabelecimentos Comerciaes e Bancarios e nas Repartições Publicas.

ENSINO GRATUITO DE DACTYLOGRAPHIA A SENHORAS E SENHORITAS



Director : Dr. Sinesio de Farias

Engenheiro Militar — Doutor em Mathematica e Sciencias Physicas — Tte. Cel. Lente Cathedratico da E. Militar

47 - RUA URUGUAYANA - 47

SOBRADO

Telephone Central 5027

RIO DE JANEIRO